CHUMBO QUENTE

LOU CARRIGAN

A DENÚNCIA ANÔNIMA

SÉRIE: CHUMBO QUENTE

VOLUME: 107

TÍTULO: A DENÚNCIA ANÔNIMA

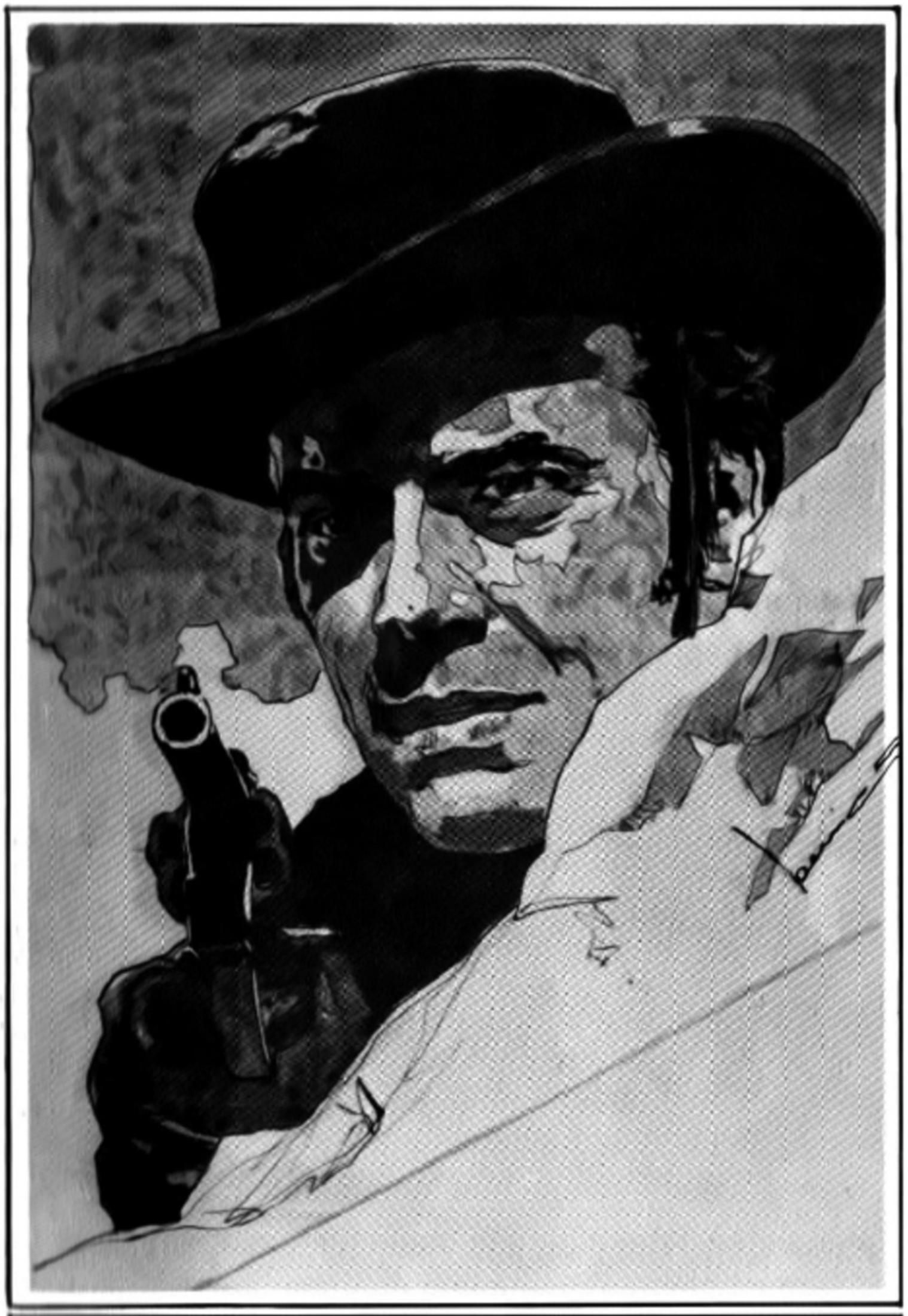
TÍTULO ORIGINAL:EL ULTIMO CAMINO

TRADUTOR: GIASONE REBUÁ

AUTOR: LOU CARRIGAN

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1993



CHUMBO QUENTE

A DENÚNCIA ANÔNIMA

LOU CARRIGAN

Tradução de
GIASONE REBUÁ

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE

EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24.119
20550-050 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 284-2055 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA
MCMXCIII Publicação no Brasil
Título Original:
EL ULTIMO CAMINO
Capa de BENÍCIO
Editoração Eletrônica
SEBASTIÃO TELES
Impressa pela
GRÁFICA EDITORA LORD S.A.
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Sua última contribuição

O capitão Bemard Hamm, dos Texas Rangers, leu uma vez mais o telegrama que acabara de receber e berrou:

— Cotts!

O cabo Cotts entrou e se plantou diante dele.

— Às suas ordens, senhor.

— Vá chamar Clay... ah... o tenente Hallanan.

— Sim, senhor.

Cotts parecia ter a faculdade de surgir do nada e simplesmente desaparecer, silenciosamente, toda vez que era solicitado pelo comandante dos Rangers.

Minutos depois, abria a porta, segurando-a para que entrasse um homem moreno, de estatura pouco acima da mediana, olhos castanhos, rosto quadrangular e têmporas ligeiramente grisalhas, impecavelmente fardado.

— Olá, Bem.

— Olá, Clay. Por favor, sente-se.

Clay Hallanan conhecia de sobra aquela águia ruiva cheia de artimanhas. Quando se mostrava muito atenciosa, como naquele instante, era sinal de que estava com uma espinha atravessada na garganta.

Sentou-se e cruzou as pernas, com um sorriso malicioso, à espera de nova artimanha de Hamm.

O capitão pigarreou e fingiu arrumar alguns papéis na mesa.

— Com que, então, está mesmo disposto a nos deixar, hem? — soltou.

— É verdade.

— Vinte anos de bons serviços — murmurou Hamm, observando de soslaio o tenente. — Minha promoção a major deverá sair até o fim deste ano. Serei transferido para o Quartel-General e você será automaticamente promovido a capitão, assumindo o comando deste quartel.

— Seria — corrigiu Hallanan.

Hamm apertou os lábios e fez cara de contrariado.

— Sinceramente, Clay, ainda não atinei com o motivo para você desistir repentinamente de uma carreira brilhante que...

— Já lhe disse o motivo — cortou o tenente. — Enquanto o Alto-Comando só aceitava gente experimentada, embora jovem, a coisa ia bem, mas depois que passou a aceitar garotos inexperientes, cheios de um entusiasmo suicida, a vida nos Rurais se tomou insuportável. Só nos três primeiros meses deste ano, cinco meninos morreram em meus braços, chorando e chamando por mamãe.

— É, isso me deixa deprimido — admitiu o capitão Hamm. — Você sabe que avisei o Alto-Comando a respeito.

— Que adiantou? A resposta foi o envio de mais oito meninos fanfarrões que só nos darão dores de cabeça.

Perdemos um rural valioso, o incomparável Tom Fletcher, tentando salvar dois desses garotos estúpidos naquele cerco à quadrilha de Pablo Benares. Quantos outros

perderemos cuidando dos novos bebês enviados pelos chefões? Não, Bem, não estarei aqui para testemunhar o sacrifício desses garotos e de nossos bons elementos.

Bemard Hamm não tinha argumentos contra a revolta moral do tenente Hallanan.

— Eu compreendo sua atitude — admitiu, baixinho, contemplando o telegrama.

— Obrigado, Bem. Por que me chamou?

— Leia isto.

Hallanan pegou o telegrama e leu:

SEI TUDO SOBRE MORTE RANGER SEALS PONTO MANDEM HOMEM USANDO NOME LUKE SMITHSON RECOLHER AGÊNCIA COR-REIOS MARBLE FALLS CARTA ESCLARECEDORA PONTO SMITH.

— Um telegrama que pode ser considerado anônimo — afirmou Hallanan. — Qualquer um pode usar o nome Smith.

— Certo. Mas, seja quem for, está informado sobre o que aconteceu a Randolph Seals, entende?

— Entendo. E você quer que eu vá a Marble Falis, usando o nome Luke Smithson, para recolher essa carta esclarecedora.

— Bem. Foi o que pensei. Mas seu contrato com os Rangers terminará depois de amanhã e, se você pretende mesmo se desligar, eu logo teria de mandar outro. Será mais lógico enviar esse outro de uma vez.

Os dois ficaram calados, pensando na morte estúpida do valoroso rural Randolph Seals.

O rural Seals fora incumbido de capturar um malfeitor. Após enfrentar vários bandidos componentes da quadrilha

do homem procurado, Seals conseguira capturá-lo e, para apressar a volta ao quartel dos Rangers, embarcara com o prisioneiro na diligência da Wells & Fargo que fazia a linha entre Bumet e Austín, com escalas em Marble Falis e Oak Hills. Essa diligência transportava cinqüenta mil dólares do governo e por isso foi assaltada quando atravessava a comarca de Marble Falis. Por ser um rural, Randolph Seals considerou seu dever oferecer resistência aos assaltantes e foi morto.

Após quase cinco minutos de silêncio, durante os quais ambos enrolaram cigarros e fumaram, pensativos, o tenente Hallanan tomou uma decisão que encheu o capitão Hamm de espanto e alegria:

— Vou sair dos Rurais, para não testemunhar a morte desses meninos que nos manda o Alto-Comando, mas nada me impede de me despedir da organização vingando a morte de Seals.

— Você está dizendo que... que irá a Marble Falis?

— Terei dois dias para essa missão — disse Hallanan, sem responder diretamente à pergunta. — Marble Falis está a cinqüenta milhas daqui e creio que com o meu bom "Raio de Luar" cobrirei essa distância numa só jornada. Terei um dia para resolver o assunto, que me parece bastante facilitado por esse telegrama e pela tal carta "esclarecedora". No terceiro dia, estarei de volta, a tempo de firmar a desistência do contrato com os rangers.

— Puxa, Clay, você me tira um peso da consciência. Se não quisesse ir, eu teria de enviar Conway.

— Conway? Guy Conway? Mas... ele é o mais jovem e inexperiente de todos, Bem!

O capitão Hamm encolheu os ombros.

— Eu sei, Clay, mas não tenho outro homem disponível e teria de mandá-lo a Marble Falis. Você poderá levá-lo para que ele aprenda como...

— Negativo! — cortou Hallanan, erguendo a mão direita, espalmada, diante do nariz de Hamm. — Já disse que vou sair dos Rurais para não ver crianças serem bestamente assassinadas e não pretendo testemunhar outra barbaridade em minha última missão. Ele que fique no quartel limpando armas e cuidando dos cavalos.

— Está bem, não precisa se exaltar — sorriu Hamm. — Pena que esse bom menino não possa aprender com você a sacar com a sua espantosa velocidade. É inteligente, prestativo e corajoso, mas não foi devidamente adestrado no Quartel-General.

— Isso de sacar... com espantosa velocidade, como você, é pessoal, Bem. E a grande diferença está no .50 que se faz dessa aptidão. Há muitos indesejáveis que sacam tão rápido como eu, ou mais.

— Ainda estou para ver — disse Bemard Hamm, levantando-se e estendendo a mão. — Seja feliz na missão, Clay.

— Obrigado — sorriu amplamente Hallanan, exibindo dentes que, contrastando com a sua pele trigueira, pareciam mais alvos que o normal.

— Espere. Que pretende fazer depois de nos deixar, Clay?

— Pude guardar algum dinheiro. Você sabe: recompensas pela captura de alguns indesejáveis. Talvez compre um ranchinho.

— Boa idéia! Você bem sabe que eu sempre lhe desejo o melhor, Clay. Sem dúvida, a vida de rancheiro será boa para você.

— Talvez.

— Boa sorte, Clay.
— Obrigado. Até a volta.

★ ★ ★

No dia seguinte, um homem de estatura acima da mediana, trigueiro, empertigado e com cara de poucos amigos, apeava em Marble Falis de um belo corcel todo branco, com crinas e cauda quase prateados. Seus olhos escuros esquadrinharam as proximidades da agência dos correios. Subiu à calçada de tábuas e entrou na agência, plantando-se diante do balcão.

— Eu sou Luke Smithson. Acho que tem uma carta para mim.

— Um momento — disse o agente, examinando as cartas arrumadas nos escaninhos. — Sim, é verdade, senhor Smithson.

Entregou a carta e Clay Hallanan saiu, depois de agradecer, entrando no saloon próximo. Encarou o barman e pediu uma cerveja. Enquanto saboreava a bebida a pequenos goles, abriu o envelope e leu a carta três vezes para certificar-se de que não estava interpretando erroneamente as informações.

Enfiou a carta no envelope, meteu-o no bolso, pagou a cerveja e saiu, aproximando-se de seu belo corcel, que o saudou com pequeno relincho e riscando o chão com uma pata dianteira.

— Pensei que iríamos descansar um pouco aqui, amigo, mas nem sempre as coisas são como desejamos — disse ao animal, acariciando-lhe o pescoço. — De qualquer forma, você poderá beber água à vontade antes de partirmos de novo. Encontrará capim no caminho para Kingsland.

A localidade chamada Kingsland ficava na comarca de Llano, exatamente onde o Llano River desembocava no Grinite Shoals Lake.

Levou o corcel ao bebedouro e, assim que o animal se fartou de beber água, montou o partiu.

Devia chegar a Kingsland antes de anoitecer.

CAPÍTULO SEGUNDO

Metia os pés pelas mãos

No final da tarde, Stephana Reiner ergueu instintivamente a cabeça e seu coração disparou.

Um ginete se aproximava do rancho.

Stephana Reiner tinha trinta e oito anos. Casara-se aos dezessete, quando ninguém imaginava que tantos jovens texanos iriam morrer inutilmente na guerra civil. Tinha um filho e esperava outro, quando seu marido foi para a linha de frente e morreu logo no primeiro combate.

Agora, Stephana tinha dois filhos crescidos: um rapagão e uma jovem atraente chamada Merle. Sua filha tinha saído e o rapaz, Wendell, estava em casa, mas era o mesmo que nada, porque se encontrava prostrado no leito, com um ferimento de bala no peito.

Parou de costurar perto da janela e se levantou para examinar de perto Wendell, que estava sereno e respirava normalmente.

Saiu do quarto, pensando no cavaleiro que se aproximava com a montaria a trote fácil, parecendo não ter pressa de chegar. Um cavaleiro solitário raramente significava grande perigo, quando o defensor da casa sabia usar um rifle, e ela era excelente no manejo do Winchester.

Estremeceu, ao pensar que talvez aquele homem fosse um xerife. Seu instinto materno lhe dizia que Wendell devia ter cometido alguma imprudência. Seus maus pressentimentos com relação àquele ginete que se aproximava estavam justificados porque o seu rapaz de vinte anos, que sempre se abrira com ela, negara-se a dizer, nos poucos momentos de lucidez entre desmaios, por que fora baleado no peito e como pudera, quase milagrosamente, voltar para casa esvaído em sangue.

A angústia de Stephana diminuiu quando ela chegou à varanda, no momento exato em que o cavaleiro parava a montaria diante dos degraus e tirava o chapéu, deixando à mostra cabelos pretos ondulados, grisalhos nas têmporas. Aquele homem de expressão enérgica, muito simpático, não ostentava no peito da camisa a estrela prateada de representante da lei.

— Boa-tarde, senhora.

Por um momento, ela teve a sensação de se reencontrar, de voltar à adolescência, quando a mulher sonha com príncipes encantados e cavalheiros audazes.

— Boa... tarde.

Ele sorriu e decênios sumiram de seu rosto, porque também operava nele aquela sensação de volta à juventude. Aquela mulher ruiva, de olhos verdes, nariz reto, lábios carnudos e expressão de sofrimento era o seu tipo ideal, aquele que durante toda a sua vida povoara os seus sonhos.

— Eu sou... Cley Hallanan, senhora.

Stephana sentiu-se compelida a ser muito amável com o homem charmoso, varonil, que surgia de repente em sua vida, tirando-a bruscamente da letargia sentimental e sensual em que mergulhara ao ter a notícia da morte de seu jovem marido, Joseph Reiner, logo aos primeiros combates da guerra civil.

— Desmonte, senhor Hallanan. O senhor está no Reiner Ranch, mais conhecido como “Duplo R”. Eu sou Ste... a senhora Reiner.

Ele desmontou e lhe sorriu com doçura.

— Obrigado, senhora Reiner. Estou mesmo necessitando de algum descanso.

— Cavalgou muito? — sondou a ruiva, baixando o olhar.

— Demais para a minha idade.

— Sua idade? Mas...

Stephana Reiner se conteve, compreendendo que teria ido longe demais no entusiasmo. Empregou muita força de vontade para aparentar naturalidade e indiferença.

— O senhor não é um velho.

— Quase isso — disse ele, namorando seus lábios carnudos. — Foram dois dias de cavalgada, senhora Reiner. Um assunto urgente, em Llano City, exigiu esse esforço bem acima de minhas possibilidades. Bem. Para falar a verdade, todo o mérito dessa façanha cabe a “Raio de Luar” — indicou sua montaria.

Stephana Reiner ficou ainda mais encantada. Até na escolha do nome para seu cavalo aquele homem fora original, romântico. Teve Ímpetos de lhe perguntar se era casado e chegou a enrubescer de vergonha.

— O senhor está perseguindo alguém?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Que disse, senhora Reiner?

— Bem. Acho que não soube me expressar. Desculpe. Eu quis perguntar se representa a Justiça.

Clay Hallanan sorriu amplamente.

— A qual das duas, senhora Reiner: a humana, ou a divina?

— Oh! — fez a ruiva, muito desconcertada.

— Desculpe. Parece que também meti os pés pelas mãos. Isto é, não estou dizendo que a senhora tenha feito isso.

Olharam-se nos olhos e ambos sentiram plenamente o que se costuma chamar de encontro de almas. Foram instantes de encantamento. Por fim, Hallanan conseguiu sobrepor-se à emoção e disse, evitando negar que representava a lei:

— Se estava querendo saber se sou xerife, senhora Reiner, posso responder que não sou, nunca fui, nem pretendo ser — deu uma risadinha simpática. — Não sei por que viu em mim um representante da justiça e não creio que tenha o que recear a esse respeito. Certo?

Ela ficou tão desconcertada, que ele olhou para o chapéu, girando-o entre os dedos com falsa timidez, ao prosseguir:

— Creio que não adianta falarmos sobre o que não nos interessa de perto, senhora Reiner. Na verdade, só me aproximei de seu rancho na esperança de comer um pouco e descansar antes de continuar a viagem. "Raio de Luar" também está exausto e seria injusto prosseguir, com risco de estourá-lo.

Ela lhe pareceu desafogada, armando belo sorriso. Sorria separando muito os lábios nos cantos da boca, o que lhe assentava muito bem.

— O senhor poderá ficar.

— Obrigado. Não pretendo ser importuno. Talvez eu possa ajudá-la.

— Ajudar?

— Bem. O rancho me parece um pouco... Não tem vaqueiros?

— Não. Meus filhos e eu cuidamos de tudo. De qualquer modo, muito obrigada pelo oferecimento de ajuda, senhor Hallanan.

— Está só?

— Não. Isto é, estou.

Era evidente que mentia, mas Hallanan fingiu não perceber e, com grande naturalidade, passeou o olhar pelo rancho. Olhou-a alguma vezes de soslaio, constatando que ela o analisava dos pés à cabeça.

Aposto que serei tomado por pistoleiro — pensou, evitando sorrir por causa dessa conclusão. Se pudesse adivinhar a razão de minha visita, me expulsaria a pontapés.

— Posso dar água ao meu cavalo?

— Naturalmente. Ali está o bebedouro. O pobre animal deve estar faminto. Pode levá-lo ao galpão da forragem.

— Muito obrigado. Vamos, seu mal-educado, agradeça à senhora.

Stephana Reiner riu abertamente, porque "Raio de Luar", demonstrando entender seu dono, ergueu a perna dianteira esquerda e abaixou a cabeça, soltando pequeno relincho.

— Não tem de quê, "Raio de Luar" — disse ela, encantada. — Ele é um amor, senhor Hallanan.

— Tive de surrá-lo cinco vezes por dia para ensiná-lo a fazer essa mesura.

— Não! O senhor não...!

Hallanan deu uma risada.

— Desculpe a brincadeira, senhora Reiner. "Raio de Luar" é mais inteligente e mais educado do que seu dono.

— Senhor Hallanan!

— Vê? Não faço outra coisa senão meter os pés pelas mãos. Com licença.

Afastou-se na direção do celeiro, levando o cavalo pelas rédeas. Olhou para trás e Stephana, colhida de surpresa admirando-o, enrubesceu, dando meia-volta para entrar em casa.

Clay Hallanan cuidou perfeitamente de seu belo corcel. Lavou-o e deu-lhe forte escovada, alimentando-o com forragem. Depois, tirou a camisa, lavou-se no próprio bebedouro de cavalos, que era provido de uma bomba manual, fez a barba, penteou-se e vestiu uma camisa limpa que trouxera num dos alforjes.

Enrolava um cigarro, quando seu instinto de homem acostumado a caçar e ser caçado levou-o a olhar repentinamente para o alto de pequeno morro, em cujo cimo tinham acabado de surgir cinco cavaleiros.

Franziu a testa. Seis homens haviam assaltado a diligência, matando o seu colega Radolph Seals. Aritmética muito fácil: cinco indivíduos no alto daquele morro, mais um dentro de casa, igual a seis. Sem dúvida, aqueles assaltantes vinham avistar-se com o companheiro, que devia estar escondido naquele rancho.

Localizou uma pedra junto da cerca e sentou-se nela, fingindo entreter-se limpando seu Colt de serviço.

★ ★ ★

Stephana Reiner estava sentada junto da janela, admirando o homem que chegara para arrancá-la da indiferença em que vivera durante vinte anos. Olhou casualmente para o morrinho e seu coração disparou. Alimentou a esperança de que fossem cinco viajantes de passagem, mas logo se convenceu de que aqueles homens vinham com destino certo, porque eles começaram a descer o morrinho avançando diretamente para a casa.

Saiu do quarto e atravessou correndo a sala para ir à varanda, de onde viu Hallanan aparentemente impassível, limpando a sua arma. De onde se encontrava, ele poderia ouvir o que lhe dissessem aqueles homens.

Os cinco se aproximaram da varanda. Estavam empoeirados, barbudos. Tinham cara de malfeitores e sorriam com cinismo. Um deles se adiantou para falar pelos outros:

— Olá, beleza. Seu irmão está?

Stephana empalideceu.

— O senhor está enganado. Eu não tenho irmão.

— Verdade? Pois estou certo de que Wendell Reiner mora aqui.

Ela pensou que fosse desmaiar e se apoiou na coluna de madeira da varanda.

— Sim, Wendell mora aqui, mas sou sua mãe.

O indivíduo soltou um assobio de admiração.

— Meus respeitos, senhora Reiner. Para ser mãe de Wendell, está maravilhosa.

Stephana enrubesceu, mas logo empalideceu e começou a tremer.

— Por favor, senhores, queiram...

— Um momento, lindeza, não precisa se ofender. Eu só quis dizer que é uma mulher atraente, daquelas que a gente tem vontade de raptar. Verdade, rapazes?

Os outros riram escandalosamente e o indivíduo continuou.

— Queremos falar com o seu filho. Vejam só! Se eu tivesse uma mamãezinha assim, não sairia de casa para nada.

Sem saber o que dizer para se livrar daqueles indivíduos, Stephana cerrou os punhos e ordenou, quase aos gritos:

— Queiram retirar-se, porque tenho muito que fazer em casa.

— Hum... — fez o indivíduo, trocando olhares com os companheiros. — Vocês ouviram, rapazes? Além de bonita, muito prendada. Mas acontece que viemos para falar com Wendell. Vá chamá-lo, senhora Reiner.

— Wendell não está em casa.

— Oh... Bonita, prendada e mentirosa, hem? Sabemos que ele tem de estar aqui, porque foi ferido em um... acidente e sempre que um garotinho se machuca corre para os braços de sua mamãe. Apesar de crescidinho, eu faria o mesmo, se você me adotasse. Vá chamá-lo.

— Eu já disse que ele não está.

— Senhora, passamos três dias buscando esse rapaz e, agora que o encontramos, pode estar certa de que não partiremos sem falar com ele. Será melhor nos deixar entrar em casa por bem, entende?

— Ele... ele está ferido.

— Isso nós já sabemos.

— Está inconsciente. Não poderá ouvir, nem falar.

— Sério?

— Naturalmente!

— Não duvidamos de sua palavra, senhora Reiner, mas somos uns burros teimosos e para nos convencermos de que a senhora não... se enganou vamos entrar e ver com nossos próprios olhos.

— Não tem esse direito!

— Estamos desperdiçando palavras. Baruch, Straigh, vigiem os fundos da casa. Pyle, Douglas, vigiem pela esquerda. Se o rapaz tentar algum truque, atirem nele, mas que não seja para matar, porque... bem, vocês sabem que necessitamos dele. Quero Wendell vivo.

Os quatro bandidos já se dispunham a obedecer, quando surgiu na varanda o homem ao qual não tinham dado nenhuma importância. Sua voz se fez ouvir grave, firme, tranqüila:

— Posso ajudá-la nessa situação, senhora?

Stephana Reiner olhou para ele e ficou momentaneamente desconcertada. Claro que necessitava de ajuda, mas algo lhe dizia que aquele cavalheiro empertigado, de olhar penetrante e feições marcantes tinha de ser um representante da justiça, com a qual seu filho Wendell não estava nada bem. Talvez fosse pior para Wendell cair nas garras da lei do que ser entrevistado por seus companheiros de façanhas ilegais.

— Não, obrigada — cortou, quase sem voz.

Os cinco homens ficaram imóveis, olhando para Hallanan como se vissem um fantasma. Evidentemente, para eles, aquele sujeito atlético e trigueiro devia ser um rematado maluco para intervir naquele instante. Ficaram ainda mais surpresos, quando Hallanan insistiu:

— Acho que poderia ajudá-la nestas circunstâncias, senhora. Que tem a dizer, Alcott — acrescentou, encarando o porta-voz do quinteto mal-encarado.

Alcott franziu a testa.

— Você me conhece?

— Como imagina que fiquei sabendo o seu nome? Não sou nenhum adivinho. Qualquer um que leia um aviso de captura saberá que pesa sobre a sua cabeça uma recompensa de dois mil dólares. Ou será que já aumentaram o prêmio oferecido por seus ossos imundos?

— Para um homem que está sozinho, você fala demais — rosnou o tal Alcott.

— Talvez.

— Isso não é bom para você.

Hallanan sorriu de um modo que fazia prever uma catástrofe.

— Não seja estúpido. Se quer me ameaçar, faça-o de frente, como homem, em vez de ficar repetindo frases sovadas.

— Quem é você?

— Não vai usar outra frase surrada e dizer que deseja saber o meu nome para mandar gravá-lo em minha lápide — zombou Hallanan. — É para isso que deseja saber o meu nome?

— Talvez.

— Então, não desperdice tempo à-toa, porque ninguém vai me matar neste instante. Agora, deem o fora, os cinco. Mas não se afastem muito, porque tenho uma conversinha reservada para vocês. Especialmente para você, Percy Alcott.

— Sobre o quê?

— Ficará sabendo no devido tempo, mas posso adiantar que falaremos de assassinatos e cabeças postas a prêmio.

O rural estava um pouco deslocado para a direita, num dos extremos da varanda, para evitar que alguma bala perdida atingisse Stephana.

Percy Alcott era ajuizado e sabia quando estava diante de um diabo em figura de gente, mas o pistoleiro Baruch, o segundo mais jovem do grupo, depois de Wendell Reiner, deixou-se levar pela ira, convencido de que, quando um homem fala demais diante de cinco bandidos, não tem a cabeça no lugar e deve tê-la estourada antes que cometa alguma tolice.

Demonstrando grande habilidade, levou a mão direita ao Colt e sacou-o velozmente, tendo-o com igual rapidez arrancado da mão por um disparo que a todos pareceu ter sido feito por milagre. Ele e seus companheiros olharam

maquinalmente para Hallanan e só então se convenceram de que fora ele o autor do disparo, porque seu Colt, mantido à altura dos quadris, ainda estava fumegante.

Baruch era mesmo um inexperiente. Furioso por ter sua arma arrancada da mão, passou a perna por cima do santo-antônio da sela e, firmando o pé esquerdo no estribo, saltou, disposto a cair em cima de Hallanan para derrubá-lo. Hallanan havia metido o revólver no coldre, em espantosa demonstração de confiança própria, o que ajudou a incentivar Baruch a cometer a estupidez.

Quando o jovem bandido chegou pelos ares. Hallanan recuou de um salto. Baruch, não encontrando a resistência de seu corpo, desequilibrou-se e caiu de joelhos, apoiando as mãos no chão.

Ergueu-se violentamente, com um grito, para cair de costas e se imobilizar, com o maxilar inferior deslocado por certeiro pontapé de Hallanan.

Quando os outros quatro saíram do espanto e pretenderam reagir, sacando suas armas, já o Colt de Hallanan estava novamente em sua mão, à altura dos quadris, com o martelo percursor recuado.

— Podem estar certos de que em situações piores do que esta saquei com mais rapidez e apertei o gatilho — declarou Hallanan, com uma calma muito desconcertante. — Vocês deviam ter reparado em minhas têmporas grisalhas, rapazes. Não foi à-toa que cheguei aos quarenta e dois anos. Agora, se não querem barulho mais sério, tratem de dar o fora. Fui bem claro, Percy Alcott?

— Ah? Oh, sim, sim, naturalmente — balbuciou o chefe do grupo, realmente perplexo. — Podemos... podemos recolher o nosso companheiro?

— Será um favor. Não queremos lixo nesta propriedade. Mas que seja rápido.

Straigh e Douglas apearam, atravessaram na sela o companheiro desmaiado, montaram e o grupo partiu sem olhar para trás.

Stephana Reiner estava cadavericamente pálida.

— Lamento ter oferecido esse espetáculo de brutalidade, senhora Reiner — disse Hallanan, aproximando— se lentamente. — A senhora está sentindo-se mal?

— Não — disse ela, numa espécie de gemido contido. Era evidente que iria desmaiar. Por isso, Hallanan deu um salto e chegou a tempo de ampará-la pela cintura, apertando-a de encontro ao corpo musculoso. Levou-a para a sala, fazendo-a sentar-se em pequeno sofá, ao mesmo tempo via, através da porta do quarto, a figura do homem estirado numa cama. Foi à cozinha e pegou um copo com água.

— Tomei a liberdade de entrar em sua cozinha. Vamos beba.

Ela bebeu a água e suspirou.

— Meu Deus! — não se conteve.

— O pior já passou — sorriu Hallanan. — Acalme-se.

— Eles vão voltar.

— Naturalmente. Se desejam falar com o seu filho, aguardarão momento mais oportuno e voltarão. Mas não virão enquanto eu esteja aqui. Pode estar certa. Vamos, beba mais água.

Ela obedeceu.

— E quando o senhor for embora?

Ele sorriu amplamente.

— Não tenho pressa.

Ela olhou-o nos olhos e franziu a testa:

— Mas o senhor disse...

— O assunto que me fez cavalgar tanto poderá esperar até que o xerife de Kingsland tome conhecimento e entre em ação. Seu filho? — apontou para a cama do quarto.

Stephana assentiu com a cabeça, baixando-a, sucumbida. Hallanan foi ao quarto, inclinou-se e quase se assustou, quando Wendell Reiner, abrindo os olhos, indagou muito assustado:

— Que aconteceu?

— Nada importante, rapaz. Como vai esse ferimento?

— O ferimento. E o doutor Soffer?

Stephana, que entrara logo atrás de Hallanan, pôs a mão em sua testa e lhe falou com doçura:

— Ele virá com Merle, filho. Não sei por que está demorando.

Hallanan pretendeu arranjar uma desculpa para a demora:

— Nem sempre os médicos estão em casa quando mais precisamos deles, senhora Reiner. Se não me engano, seu filho já foi atendido por quem entende dessas coisas.

— O doutor Soffer já esteve aqui e disse que voltaria hoje, mas achei que ele estava demorando e mandei minha filha buscá-lo. Wendell teve uma hemorragia, consegui estancá-la com açúcar, mas... — pôs a mão esquerda na testa, cobrindo os olhos.

— Não fique nervosa, senhora. Seu filho está bem e sairá desta novo em folha. Foi baleado por um desses homens?

Wendell fuzilou-o com o olhar.

— Que tem a ver com isso? — soltou.

— Wendell! — murmurou Stephana, desconcertada.

Hallanan sorriu.

— Não tem importância, senhora Reiner. Talvez não acredite, mas já fui baleado oito vezes e em todas fiquei mal-humorado... ah... malcriado.

— Malcriado é você!

— Foi o que eu disse — ampliou-se o sorriso do ranger. — Você só está irritado, impaciente, e com toda a razão. É insuportável isso de ficar imobilizado em cima de uma cama.

Sem mais, Hallanan deu meia-volta e saiu do quarto, com Stephana logo atrás.

— Senhor Hallanan...

— Se vai agradecer, perde seu tempo, senhora Reiner — cortou o tenente dos rangers. — Se pretende retribuir, poderá arranjar alguma coisa para eu comer, porque chego a estar com as pernas bambas de fome.

— Oh! — fez a ruiva Stephana, levando as mãos à boca. — Tudo isso me fez esquecer o seu jantar!

— Felizmente ainda estamos vivos para comer — disse ele, desafivelando o cinturão com o Colt e pendurando-o num cabide de parede.

Enquanto atiçava as brasas do fogão de lenha, Stephana comentou, sem olhar para Hallanan:

— O senhor saca o revólver e atira como um... um...

— Pistoleiro — completou o rural, sorridente. — Não era isso que hesitava em dizer?

— Era.

— Tenho rolado por este mundo e tive de aprender muitas coisas para continuar respirando, senhora Reiner. Uma delas é sacar e disparar com assustadora rapidez. Mas fique tranqüila, porque, como lhe disse, não sou xerife e pode estar certa de que também nunca fui pistoleiro. Nem pretendo ser uma dessas coisas. Eu nunca aluguei a minha arma para matar.

— Não pensei isso do senhor.

Stephana levou alguns minutos lidando com as panelas e, de repente, soltou:

— O senhor disse que tem quarenta e dois anos.

— É verdade. Já cheguei a essa maldita idade.

— Maldita? Como assim?

— Digam o que disserem, a vida começa a nos escapar pelo zero dos quarenta — brincou o rural, ajeitando-se no tamborete da mesa de refeições. — Aposto como lhe pareci mais velho.

— Não! — negou a ruiva, quase com um grito. — Muito pelo contrário. Pensei que tivesse...trinta e cinco ou trinta e seis.

— Muito gentil. Aposto como foi mãe muito cedo, digamos... aos quatorze anos. Calculei a idade de seu filho em vinte, de modo que a senhora não pode ter mais de trinta e quatro. E não aparenta tanto.

Ela sorriu.

— Já estou com trinta e oito, senhor Hallanan.

— É espantoso! Não fosse por seu filho e eu lhe daria no máximo trinta. Tem aparência jovem, é bonita e... — Interrompeu-se, convencido de ter ido longe demais, porque Stephana chegou a deixar cair a concha com que recolhia ensopado. — Bem, desculpe o atrevimento, senhora. Espero que o seu marido me perdoe.

Foi uma sondagem em profundidade que deu certo, porque Stephana se apressou a informar:

— Sou viúva há dezoito anos.

— Oh! Sinto muito. Desculpe a indiscrição, senhora.

— Não foi nada. Meu marido morreu logo aos primeiros combates, na guerra civil. 0 senhor também foi combatente?

— Acho que todos os texanos em idade militar participaram dessa luta inútil, senhora Reiner. Talvez seja melhor mudarmos de assunto. Notei que ficou triste. Não faço outra coisa senão cometer inconveniências.

Ela quase gritou que sua presença no rancho lhe trouxera vida nova, uma grande vontade de viver, mas se conteve.

CAPÍTULO TERCEIRO

Conversa muito escorregadia

Positivamente, o rural Hallanan estava condenado a passar fome.

Sentado no tamborete da mesa de refeições e namorando os movimentos graciosos da "coroa" Stephana Reiner, ele olhou casualmente para a janela e se levantou, comentando:

— Parece que a senhora terá outras visitas. Stephana largou na mesa o prato de comida que acabara de servir, limpou as mãos no avental e foi olhar pela janela, armando belo sorriso.

— Desta vez não são visitas desagradáveis, senhor Hallanan. Trata-se de minha filha trazendo o doutor Soffer. Mas... há um terceiro ginete. É o xerife Bushem! — empalideceu.

— A visita de um homem da lei é sempre agradável, quando não se tem nada a temer, não acha? — comentou Hallanan, também olhando pela janela.

— Hum? Oh, sim, claro.

— Será uma oportunidade para contar ao xerife o que aconteceu aqui.

— Naturalmente.

Clay Hallanan conhecia os motivos para a ansiedade da ruiva. Ter um ferido em casa, um homem baleado, é coisa que pede explicações. Que diria ela ao xerife?

Continuaram à janela, enquanto os quatro se aproximaram. O doutor vinha em sua charrete tipo aranha, toda preta, de rodas muito grandes e molas enormes, que oscilava com elegância, como se flutuasse no ar, puxada por um cavalo negro de trote elegante.

Merle Reiner mantinha a montaria emparelhada com a charrete. Era uma cópia fiel de Stephana, porém com menos vinte anos, de cabelos pretos e tez amorenada. Também tinha olhos verdes.

Hallanan logo identificou como xerife o cavaleiro idoso que se mantinha um pouco recuado, com brilhante estrela prateada de seis bicos no peito da camisa. Ao lado do xerife, vinha um rapagão louro.

O doutor Soffer não poderia ser mais magro, nem ter o rosto mais afilado. Vestia-se de preto e, em sua aranha preta, puxada por um cavalo da mesma cor, mais parecia um agente funerário. Assim que parou a charrete diante da varanda, desceu, já empunhando a maleta, também preta, com os instrumentos da profissão.

Stephana saiu à varanda, no momento em que a filha apeava, sem dar ac rapagão louro tempo para ajudá-la.

— Mamãe — começou Merle, interrompendo-se ligeiramente para observar o homem que se encontrava à porta da casa. — Custei para encontrar o doutor Soffer.

— Boa-tarde, Stephana — falou o médico, com uma voz grave profunda, que contrastava de modo ridículo com a sua magreza. — Como está o rapaz?

— Teve um começo de hemorragia e... fiquei com medo de que o senhor demorasse. Foi por isso que mandei chamá-lo.

— Estive muito atarefado ajudando a trazer mais um sofredor a este vale de lágrimas. Não podia deixar sozinha aquela pobre mulher.

— Tudo correu bem?

— Mais ou menos. Por isso tive de ficar com ela. Bem, vamos dar uma olhadela no mal-humorado Wendell.

O rapagão louro havia apeado e subido à varanda. Segurava o chapéu e olhava para Stephana, visivelmente sem jeito.

A ruiva sorriu.

— Pode entrar, Elbert.

— Obrigado. Ah... Senhora Reiner, eu... o xerife soube...

— Deixe que eu explico tudo, Elbert Commager — meteu-se o xerife.

Elbert Commager baixou a cabeça e disse a Stephana:

— Sinto muito.

Soffer já havia entrado, mas a jovem Merle, pretextando esperar com Commager, demorou-se à porta, olhando com simpatia para o cavalheiro moreno, de têmporas grisalhas e aspecto de pistoleiro, que lhe sorria com doçura.

Merle entrou conduzindo Commager e Stephana ficou com Hallanan na varanda.

— Por que não desmonta, xerife? — convidou a ruiva, apertando as mãos com nervosismo.

O homem da lei grunhiu um agradecimento e desmontou, aproximando-se dos degraus da varanda.

— Novo peão, senhora Reiner? — quis saber, referindo-se a Hallanan.

— Bem que preciso de um, mas Deus sabe que não tenho como pagar um peão.

Clay Hallanan era grande psicólogo. Compreendeu que logo de início o velho xerife notara que ele não tinha nada

de peão. Para Bushem, se ele não fosse um pistoleiro, teria de ser outro representante da lei.

— Eu sou Clay Hallanan e estou de passagem, xerife.

— Hum.

— A senhora Reiner teve a bondade de consentir que eu descansasse um pouco em seu rancho e até me preparou uma refeição. Eu já estava para atacar o prato, quando chegaram.

— Pois vá comer — disse secamente Bushem.

— Não tenho pressa — sorriu Hallanan, embora olhando com dureza para o xerife. — Meu estômago está acostumado a esperar. Talvez eu seja útil aqui.

— Útil? — repetiu o xerife, arqueando as sobrancelhas. — Sem ofendê-lo, senhor Hallanan, posso dizer que não seria de grande utilidade no rancho, neste preciso instante.

— Talvez a senhora Reiner queira mudar sua opinião relatando o que aconteceu há duas horas. As palavras dessa senhora farão o senhor mudar de opinião a meu respeito... em todos os sentidos.

Bushem voltou-se para Stephana, à espera do tal relato, e Hallanan passou entre ele e Stephana, quase dando um tranco no homem da lei, ao dizer:

— Talvez seja inteligente seguir o seu conselho e aquecer um pouco o estômago. Com sua licença, senhora Reiner.

Assim que entrou, avançou para a mesa, recolheu o prato cheio de ensopado de carne com batatas e arroz, empunhando a colher, em vez do garfo, para comer mais depressa. Aproximou-se da porta e ficou atrás dela, chegando a tempo de ouvir o final de uma frase de Stephana:

— ..., mas ignoro quem feriu Wendell e por que fez uma coisa dessas.

— Acredito piamente que ignore, senhora Reiner. Eu jamais alimentei pensamentos errados a seu respeito. Mas acontece que há três dias assaltaram uma diligência da linha entre Bumet e Marble Falis. Nessa diligência, iam cinqüenta mil dólares do governo, que foram roubados durante o assalto, no qual mataram um rural chamado Randolph Seals, que conduzia um prisioneiro. Esse rural tentou oferecer resistência, como era seu dever, e perdeu a vida. Um passageiro declarou que um dos assaltantes deve ter sido ferido e... bem, acabo de saber que Wendell foi baleado e ninguém me comunicou o fato. Na verdade, o doutor Soffer é culpado de ocultação dos fatos. É seu dever comunicar às autoridades os casos de ferimento a bala que atende. Compreendeu tudo que eu disse?

— Compreendi — murmurou Stephana. — O senhor imagina que meu filho tenha participado desse assalto, xerife?

— Senhora Reiner, eu desejo somente que o seu filho me diga quem atirou nele, por que motivo e onde ocorreu. Atirar em gente é crime e tenho o dever de investigar.

— Eu compreendo tudo isso, xerife, mas... não sei se Wendell está em condições de falar.

— O doutor Soffer nos informará a respeito, embora eu tenha concluído, pela conversa que mantivemos no caminho, que seu filho está fora de perigo e bem lúcido. Estarei enganado em minhas conclusões?

— Não sei.

Nesse instante, Hallanan sentiu-se colhido em flagrante de indiscrição. Virou-se, deparando com Merle de pé à porta do quarto do irmão. Aproximou-se dela, ainda empunhando o prato.

— Como está Wendell?

— O médico disse que em quinze dias estará bom para cavalgar. Necessitamos de Wendell para me ajudar a campear nossas poucas reses. O senhor estava ouvindo a conversa de minha mãe com o xerife?

Ele sorriu.

— Confesso minha culpa.

— Por que fez isso?

— Sou muito curioso. É um defeito incorrigível. Sabe que se suspeita de seu irmão, como participante a um assalto a diligência durante o qual foi morto um rural do Texas?

— Wendell não fez uma coisa dessas!

— Não estou acusando seu irmão, senhorita Reiner. Eu sou Clay Hallanan e gostaria que me considerasse um bom amigo. Parece que sua mãe me tem nessa conta. Ainda não sabe que cinco homens estiveram aqui em busca de seu irmão e tive de afugentá-los?

— O senhor... sozinho?

— Sou um valentão — disse Hallanan, sorrindo amplamente, como se falasse a uma menininha de dez anos.

Merle Reiner achou graça e riu. Desde o primeiro instante, simpatizara muito com ele.

— E... que desejavam esses cinco homens, senhor Hallanan?

— Não sei. Eles disseram que pretendiam conversar com o seu irmão, mas sua mãe se opôs a que entrassem, alegando que Wendell estava inconsciente. Eles pretenderam entrar à força e tive de... bem, você já sabe.

Merle baixou a cabeça, pensativa.

— Senhorita Reiner, alguns indícios são desfavoráveis a Wendell. A diligência, segundo se sabe, foi assaltada por seis homens, supondo-se que um deles tenha sido baleado. Cinco homens mal-encarados vieram em busca de seu irmão, pretendendo avistar-se com ele a qualquer preço. Em

seguida, chega o xerife, cheio de suspeitas. Bem, não quero desgostá-la, mas...

— Continue, senhor Hallanan.

— Será desagradável.

— Não tem importância.

— Se quer assim., mas vamos tomar a coisa mais tolerável. Digamos que apenas por hipótese Wendell tenha participado do assalto, tenha sido baleado e se apoderado dos cinqüenta mil dólares do governo que iam naquela diligência. As coisas estariam muito malparadas para ele, senhorita Reiner.

— Santo Deus!

— Bem, como disse, foi apenas uma hipótese. Na verdade, se sua mãe se lembrar de dizer ao xerife que esses homens estavam de passagem e só se aproximaram para exigir comida, sendo por mim repelidos como inoportunos... Impossível — fez cara triste. — Receio que eu tenha estragado tudo, ao dizer a esse velho xerife que minha presença neste rancho talvez fosse útil.

— Mas é verdade. O senhor já protegeu minha mãe.

— Sim, é verdade, mas o que importa são os motivos para a visita dos cinco homens. Aposto como pretendem voltar.

— O senhor não ficará para nos proteger?

Clay Hallanan olhou-a com doçura.

— Tenho minha vida, senhorita Reiner. Terei cedo ou tarde de partir, entende?

— Entendo. E pretende dizer ao xerife... pretende lhe falar sobre essa hipótese?

— Que acha?

— O senhor me parece uma boa pessoa.

Hallanan deu uma risadinha.

— Obrigado. Posso concluir que segundo seu julgamento ser boa pessoa importa em ocultar algo que possa ser útil à lei?

— É o que penso.

— Entendo. E pretende comunicar esse ponto de vista aos mais velhos. Quantos anos tem?

— Dezoito.

— Dezoito. Considera-se experiente a ponto de poder dizer aos mais velhos o que fazer?

— O senhor não é um velho.

— Quase isso.

— Quem é o senhor, de verdade?

— Clay Hallanan, um quarentão cheio de pecados.

— Quarentão. O senhor já fez quarenta anos? Não parece.

— Uma família muito atenciosa. Sua mãe também me considera moço para quarenta e dois anos, senhorita Reiner. Claro que há grande diferença entre as duas opiniões. Afinal, ela está com trinta e oito e vê as coisas com os olhos de sua idade. Mas ouvir de uma garotinha de dezoito que não se é velho, chega a ser bem animador.

Merle Reiner olhava-o, entre entusiasmada e espantada.

— O senhor é um homem muito estranho.

— Será um elogio? Qual sua definição para estranho?

— Não sei. O fato é que o conheço há poucos minutos e sinto que posso confiar no senhor.

— Obrigado uma vez mais. Fique certa de que sou um homem honrado.

— Não se trata disso. O senhor não me entendeu.

— Claro que entendi, senhorita Reiner. Ao dizer que confie em mim, não se referia à minha honradez, mas à minha... bondade. Acertei?

— Acertou.

— Pois saiba que não se trata de bondade. É que todas as coisas sempre admitem várias soluções e todos têm o dever de buscar a mais favorável ao próximo, aquela que lhe permita sair das enrascadas em que se meta voluntariamente ou empurrado por terceiros. Não está de acordo comigo?

— Sim, senhor.

— Ótimo. Gostaria que eu ajudasse a resolver isso?

— Gostaria.

— Pois vou tentar. Mas aposto como alguém vai me considerar um intrometido, um...

— Absolutamente! — quase gritou Merle Reiner, enrubescendo.

— Se tiverem essa opinião a meu respeito, não darei i mínima importância, senhorita Reiner. Agora, volte para junto de seu irmão e de seu... noivo.

— Não sou noiva.

— Não? E esse rapagão atraente?

— Elbert? Ora ele...

— Está encantado por você — cortou Hallanan, fazendo-a empalidecer. — Não está enamorada dele?

-Não!

— Já sei que me considera um abelhudo. Na verdade, me pegou em flagrante ouvindo a conversa dos outros. Mas diga: por que não gosta dele?

Merle Reiner era jovem demais para descobrir que Clay Hallanan usava aquela conversa de aparência fútil para colher informações que lhe seriam utilíssimas como tenente dos rangers do Texas. Por isso, respondeu francamente:

— Elbert não me interessa para isso, senhor Hallanan. Eu gostaria que o senhor não saísse daqui.

— Desta sala?

Ela riu com vontade.

— Do rancho, senhor Hallanan. Eu gostaria que o senhor nunca mais nos deixasse.

Ele olhou-a com carinho.

— Talvez a senhora Reiner não esteja disposta a me aturar. Além disso, nunca trabalhei como vaqueiro, entende?

— Poderia aprender.

— Ora, senhorita Reiner, já estou velho demais para aprender novos ofícios.

— Qual o seu ofício?

— Digamos que eu seja um viandante desses que andam pelo mundo.

— E ganha direito passeando?

— Passeando? Digamos que ganho dinheiro andando por aí. Sempre estou fazendo algo que me rende um dinheirinho. Sabe? Talvez esse rapagão louro entenda de rancho e possa ser útil a vocês.

— Não me interesso por ele. Além disso, meu irmão não quer que eu namore Elbert.

— Wendell? Que direito tem ele de...?

— Afirma que Elbert é muito rico e logo diria que me interessei por seu dinheiro — interrompeu-o Merle.

— Isso é tolice. Afinal, os ricos também têm o direito de ser amados, não acha? E vocês não me parecem tão pobres.

— Muito pobres, senhor Hallanan. Nossa casa é toda arrumadinha porque mamãe e eu cuidamos bem dela, mas às vezes ficamos sem mantimentos e temos de abater uma de nossas reses par não morrermos de fome.

— Não diga!

— É verdade. Nosso rancho está hipotecado por dez mil dólares, embora valha cinco vezes mais, e a hipoteca está para vencer. Não temos dinheiro sequer para contratar um

vaqueiro, como poderíamos pagar ao menos os juros da hipoteca? Bem, o senhor já sabe de tudo a nosso respeito. Acho que sou muito faladeira. O senhor me inspira confiança.

— Não é faladeira, nem me contou essas coisas porque eu lhe inspire tanta confiança, senhorita Reiner. É que às vezes sentimos uma necessidade irreprimível de desabafar.

— Só espero que esse problema não chegue a lhe tirar o sono.

— Oh, não, estou acostumado a enfrentar problemas bem mais graves.

— Não vai acabar de comer?

— Hum? Oh, sim, claro que vou. Só agora reparo que estive o tempo todo equilibrando o prato nas mãos. Sabe que este ensopado está uma delícia?

— Mamãe cozinha muito bem. Mas já deve star frio, senhor Hallanan.

— Não tem importância. Continua delicioso.

— Se quiser, posso esquentá-lo num instante.

— Não, obrigado. Estou acostumado a comer comida fria.

— Então, fique a vontade. Eu só vinha buscar agua. Se quiser continuar escutando a conversa, não faça cerimônia.

Clay Hallanan deu uma risadinha.

— Posso levar o conselho em conta de repreensão por minha curiosidade?

— Não! Eu falei sério. Talvez ouvindo o senhor possa nos ajudar.

— Está bem.

Hallanan deixou o prato na mesa e pegou o chapéu.

— Não vai ficar ouvindo? Pretende sair? — quis saber Merle.

— Não, não vou continuar bisbilhotando. Talvez um passeio me faça bem. Na verdade, costumo andar um pouco após as refeições.

Entendo. Escute, senhor Hallanan, o senhor não terá de dormir no celeiro, como fazem os outros forasteiros. Poderá dormir nesse sofá.

Ele olhou para o sofá e sorriu.

— Parece bem confortável. Se sua mãe concordar, aceitarei o convite.

— Ela sempre aprova minhas decisões.

— Sinal de que sabe decidir, senhorita Reiner, porque sua mãe me pareceu muito ajuizada.

Merle sorriu e entrou na cozinha, oportunidade que Hallanan aproveitou para sair à varanda, antes que Stephana entrasse. Tinha a capacidade muito útil para ouvir coisas diferentes ao mesmo tempo e tirar conclusões simultâneas. Ouvira o xerife Bushem despedindo-se da senhora Reiner.

Pouco depois, Merle saía da cozinha e via a mãe entrar.

— Mamãe, você acha que o senhor Hallanan foi-se embora?

— Embora? Não, filha, ele disse que iria dar um passeio. Logo estará de volta.

— Que bom. É um homem muito atraente, não acha?

Stephana Reiner ficou sobressaltada. O interesse de sua própria filha por "ele" seria a pior coisa que lhe poderia acontecer após vinte anos de solidão amorosa. Respirou fundo e se esforçou para responder, com muita naturalidade:

— Sim, filha, o senhor Hallanan é muito atraente. Vamos ver Wendell. Que disse o doutor Soffer?

— Disse que ele logo estará cavalgando de novo.

— Graças a Deus!

CAPÍTULO QUARTO

A semente estava lançada

Clay Hallanan encilhou apressadamente "Raio de Luar" e partiu, lançando sua bela montaria branca em furioso galope para contornar o morrinho em cujo cimo haviam surgido os cinco bandidos em busca de Wendell Reiner.

Seu galope deu certo. Quando o xerife Bushem se aproximou pelo outro lado do morrinho, agora acompanhado de seu ajudante, que ficara esperando por ele numa curva do caminho, já o ranger estava tranqüilamente sentado numa pedra, enrolando um cigarro.

Bushem estacou a montaria diante dele, intrigado.

— Como vai o rapaz? — perguntou Hallanan.

— Na minha opinião, bem melhor do que afirma a senhora Reiner. Acho que poderia falar, mas não conseguimos fazê-lo abrir a boca. Você estava no rancho quando cheguei. Que faz aqui?

— Não tenho nada com os assuntos dos Reiner e decidi dar um passeio. Escute, xerife: se o rapaz está baleado no peito, será melhor ter paciência. Muita gente em volta dele só poderá piorar seu estado. A propósito: onde estão o médico e Commager?

— Você é bom observador de homens, hem?

— Costumo observar tudo ao meu redor.

— Uma atitude conveniente.

— Quase sempre. Como se chama o seu ajudante, xerife?

O representante da lei sorriu.

— Carwell Stimson. Tem trinta anos e atira muito bem. Está comigo há mais de um ano e não me deu motivos de queixa. Eu sou Leom Bushem, tenho quarenta e oito anos e há quatro sou xerife de Kingsland. Até agora não dei à gente da comarca motivos para queixa. Que mais deseja saber a nosso respeito?

— É suficiente. Já se convenceu de minha utilidade para a senhora Reiner... em determinadas circunstâncias?

— Completamente. Parece que você é o diabo com uma arma na mão, Clay Hallanan.

— Parece? Saiba que os Texas Rangers são muito exigentes na escolha de seus servidores.

O xerife arqueou uma sobrancelha e lançou ligeira olhadela ao seu auxiliar, que estava boquiaberto.

— Hum — fez, pensativo. — Agora compreendo. Mataram um ranger naquela diligência e você está investigando. Estamos todos atrás da mesma caça.

— Disse bem: todos. Estou certo de que chegou às mesmas conclusões que eu.

— A respeito de quê, Hallanan?

— Dos cinco indesejáveis que pretendem avistar-se com Wendell Reiner.

— Ah, sim, naturalmente. Vejamos se pensamos do mesmo modo. Uma diligência é assaltada por seis bandidos e um deles foge com tudo, embora baleado. Esse assaltante que levou um tiro e fugiu com os cinqüenta mil dólares do governo deve ser Wendell Reiner.

— Deve ter sido mais ou menos assim — sorriu Hallanan, enquanto o xerife, muito interessado no assunto, apeava e se plantava diante dele. — A única diferença está em que o rapaz ainda não tinha sido baleado, quando se apoderou do dinheiro, traindo seus companheiros.

— O guarda da diligência afirmou que talvez tenha baleado um deles.

— Deve ter falhado o disparo, xerife. Positivamente, um homem com aquele ferimento no peito trataria de se agarrar furiosamente à vida, não pensando em roubar seus companheiros, os únicos que poderiam socorrê-lo, evitando que morresse. Será mais lógico admitirmos que foi baleado pelos companheiros quando fugia com o dinheiro, mas conseguiu resistir até chegar em casa. Depois, os outros puderam localizá-lo. Sabem que está ferido.

Bushem alisou o bigodão.

— Admito que raciocinou melhor do que eu, Hallanan. Você é mesmo um rural e se chama de fato Hallanan? Vamos fazer jogo franco.

Hallanan sorriu amplamente, só então acendendo o cigarro que enrolara quase dez minutos antes.

— Eu sou o tenente Clay Hallanan, dos Texas Rangers, com vinte anos de serviço, e meus superiores estão de tal modo satisfeitos comigo, que pretendem me promover a capitão em poucos dias, se eu concordar em reengajar.

— Entendo. Certamente continuará com eles.

— Só Deus conhece o nosso futuro — disse Hallanan, 'agindo a uma resposta definitiva. — Que pretende fazer a respeito de Wendell?

— Metê-lo no xadrez de Kingsland, assim que esteja em condições de se locomover. Que mais poderia fazer?

— Caçar esses cinco assaltantes que tentaram invadir o rancho dos Reiner.

— Sim, claro, isso será feito. Mas você só me perguntou a respeito do rapaz. Ou terei ouvido mal?

— Ouvi muito bem. Mas podemos entrar num acordo?

— Acordo? Sobre quê?

— Você deixará esse rapaz para mim, sem interferir em minhas iniciativas. Não significa que eu me negue a ajudá-lo com o meu revólver quando você decida caçar esses cinco indesejáveis. Evidentemente, ficarão nos arredores da casa dos Reiner, à espera de uma oportunidade para se avistar com Wendell e saber onde ele ocultou o dinheiro. Afinal, ninguém desiste facilmente de cinqüenta mil dólares, não acha?

— Claro. Oferecem uma recompensa de cinco mil pela devolução desse dinheiro. Por que quer esse rapaz, Hallanan?

— Porque tenho a mania de querer consertar as coisas da melhor maneira possível, amigo Bushem.

— O argumento não me parece muito convincente, mas concordo, porém, com uma condição.

— Qual?

— Prove que é um tenente dos rangers.

— Só isso? — riu Hallanan, exibindo a plaqueta dos rangers.

Mostrou também suas credenciais, onde estava especificado o seu posto de tenente e anotada a data em que se alistou, vinte anos antes.

— Satisfeito? Quanto à minha familiarização com as armas, para o caso de ter de ajudá-lo a pegar aqueles cinco indesejáveis, só vejo um meio de demonstrá-lo.

Deu um peteleco na guimba do cigarro e, diante dos olhos maravilhados de Bushem e Stimson, sacou prodigiosamente o Colt fazendo um só disparo rapidíssimo.

A guimba se desintegrou no ar.

— Caramba, Hallanan, não gostaria de estar sendo perseguido por você e jamais me ocorreria a idéia maluca de desafiá-lo para um duelo a bala — não se conteve o xerife, enquanto seu auxiliar assentia com fortes movimentos de cabeça. — Está bem, o rapaz fica para você e eu fico com aqueles cinco salafrários.

— Obrigado. Se precisar de meu revólver, mande avisar.

— De acordo. Até breve, Hallanan.

— Vá com Deus. Você também, Stimson.

— Obrigado, tenente — murmurou o auxiliar de Bushem, ainda impressionadíssimo com a demonstração do rural.

Antipatizara com Hallanan, porque invejava todo bom atirador, mas era suficientemente ajuizado para não o irritar. Afinal, aquele sujeito moreno que alvejara a guimba em voo não erraria um disparo contra um homem do seu tamanho.

Afastou-se com o xerife e Hallanan enrolou outro cigarro, pensando em Stephana Reiner. Inegavelmente ao não ocultar do xerife a história sobre a visita dos cinco bandidos, ela demonstrara admirável honradez. A jovem Merle também demonstrara dignidade, apreciando, embora abaladíssima, seu argumento sobre o comprometimento do irmão com os assaltantes da diligência. Merle provara ser capaz de conhecer as criaturas, ao confiar nele a ponto de lhe revelar toda a situação angustiante dos Reiner que o desmiolado Wendell tentara solucionar por meios tortuosos, envolvendo-se em assalto a diligência, roubo de dinheiro do governo e assassinato de um rural do Texas.

E Elbert Commager? Um rapagão bem apessoado que formaria uma parelha bonita com Merle Reiner. O irresponsável Wendell se opunha ao namoro, por orgulho,

acabando por comprometer definitivamente esse mesmo orgulho tomando-se um fora-da-lei.

— Ela está sofrendo muito — murmurou, pensando na ruiva Stephana.

Nesse instante, viu surgir no caminho o doutor Soffer, em sua aranha preta, ladeado pelo rapagão Commager, que montava com elegância um cavalo puro-sangue de orelhas curtas, ventas largas e pernas finas muito longas, sem dúvida trazido do leste a peso de ouro.

Commager pareceu espantar-se de ver Hallanan sentado naquela pedra à beira do caminho, mas o médico não demonstrou a menor surpresa.

— Olá, doutor — saudou-o o rural, levantando-se. — Aposto como se demorou saboreando o café da senhora Reiner.

— Acertou, meu rapaz — disse o esquálido Soffer, com sua voz de além-túmulo. — Você não ignora que Stephana sabe fazer bem as coisas, por que já saboreou sua comida.

— A comida e a hospitalidade, doutor. Eu sou Clay Hallanan, de Austin. Tive de vir a Kingsland porque um amigo meu chamado Luke Smithson não pode atender a um compromisso aqui e me mandou em seu lugar.

Ao citar o nome Luke Smithson, o rural observou a fisionomia de Soffer e Commager, em busca de reações comprometedoras, pois Smithson era o nome sob o qual se apresentara nos Correios de Kingsland para recolher a carta esclarecedora sobre a morte do rural no assalto à diligência, conforme telegrama dali enviado ao Quartel-General dos Rurais na capital do Texas.

— Hum — fez o médico, olhando-o com grande curiosidade.

— Como vai o rapaz?

— Depende.

— De quê?

— Do que se espera dele.

— Não espero nada dele, doutor. Meu interesse pelo rapaz decorre da bondade da senhora Reiner, que me acolheu muito bem. A senhorita Merle também é encantadora, não acham?

— A senhora Reiner é honrada e a jovem Merle ainda é uma criança — soltou Soffer, olhando o rural nos olhos.

— Caramba, doutor, o senhor me faz sentir como um vilão. Saiba que não tenho pretensões inconfessáveis relativamente a essas duas mulheres e só vim a Kingsland, como disse, em lugar de um amigo que não pôde viajar. Parece que não simpatizam comigo e será melhor deixá-los em paz. Até a vista.

Saltou para a sela, deixando Soffer e Commager muito sem jeito.

Sorriu e não olhou para trás. A semente estava lançada e, como sempre, exigiria tempo para germinar. Revelara a Soffer e Commager que se encontrava em Kingsland usando nome falso e não lhes seria difícil concluir que ele era um rural do Texas. Bushem e seu auxiliar Stimson já sabiam a verdade sobre suas credenciais. Aquele dos quatro que tivesse algo a ver com o telegrama enviado a Austin não tardaria para começar a agir e ele ali estaria para responder a altura.

Seria simples questão de esperar.

CAPÍTULO QUINTO

Excelente se ele ficasse

Quando Hallanan voltou ao rancho, encontrou Merle operando a alavanca de uma bomba d'água para encher um balde de madeira.

— Olá, senhorita Merle.

— Oh! Olá, senhor Hallanan — respondeu a jovem, muito satisfeita por vê-lo de volta. — Está melhor depois do passeio?

— Melhor? Ah, sim, naturalmente. Estou novo em folha. Com licença — afastou-a delicadamente da bomba e acionou com vigor a alavanca, enchendo depressa o balde de madeira.

— Wendell costuma fazer os serviços mais pesados, mas...

— Não tem importância — cortou Hallanan. — Aqui estou para ajudá-la.

Ia recolher o balde do chão, mas preferiu conversar, acrescentando:

— Durante o passeio estive pensando seriamente em vocês. Estão devendo bom dinheiro, mas este rancho vale muito mais do que o valor da hipoteca.

— Sim, é verdade.

— Vocês não têm boas amizades?

— Temos.

— Poderiam pedir a um amigo emprestado esses dez mil dólares e, com o rancho desembaraçado vendê-lo por dezoito ou vinte mil. Que acha da idéia?

— Não é má. O senhor parece entender de negócios. Que faz, exatamente, senhor Hallanan?

— Bem, procuro conseguir contratos para abertura de poços artesianos em regiões menos favorecidas pelas águas do que esta. Vocês não necessitam desses poços, tendo tão perto o Inks Lake, o Grinete Shoals, o Llano River, o rio Pedemales e os córregos da Enchanted Rock.

— O senhor conhece muito esta região.

— É muito importante para o meu trabalho descobrir que partes do Texas têm ou não abundância de água, entende? — mentiu Hallanan, com o maior descaramento. — Os córregos valorizam muito seu rancho, senhorita Reiner. Vinte mil seria bom preço, não acha?

— Muito bom.

— Quem poderia interessar-se por sua compra?

— Hum... vejamos... o doutor Soffer. Seu rancho é pegado ao nosso e poderia...

— Não imaginei que além de médico ele fosse rancheiro — cortou Hallanan.

— Ele se dedica exclusivamente à medicina e mantém o rancho com a perspectiva de vendê-lo mais tarde por bom dinheiro. Mas teríamos de lhe oferecer o rancho inteiramente desembaraçado, entende?

— Entendo. Como lhe disse, terão primeiro de arranjar os dez mil emprestados.

— Elbert Commager nos emprestaria esse dinheiro imediatamente, ou até mais do que isso, sem fixar prazo de pagamento, mas...

— Um bom rapaz, hem?

Merle enrubesceu e baixou os olhos.

— Se lhe pedíssemos um empréstimo, talvez ele interpretasse a coisa como uma brecha para... bem, o senhor entende.

— Sim, compreendo. Poderiam vender o rancho a Soffer com um desconto correspondente ao valor da hipoteca.

— Senhor Hallanan, que faria, se de repente deixassem de existir pessoas interessadas em poços artesianos?

Hallanan sorriu:

— Entendo onde quer chegar. Eu me dedicaria a outra atividade.

— Muito fácil, quando não se tem família para... O senhor não é casado? Não tem filhos?

— Sou um solitário, senhorita Reiner.

— Isso facilita as coisas para o senhor. Pense em nossa situação depois de vendermos o rancho com desconto do valor da hipoteca. Ficaríamos com dez mil dólares e não saberíamos o que fazer com eles. Teríamos de continuar vivendo com esse dinheiro até descobrir em que empregá-lo e até lá o que nos restasse seria insuficiente para começar um negócio que desse para nos sustentar.

— Um pequeno armazém ou coisa parecida — sugeriu Hallanan. — Seu irmão poderia incumbir-se da compra de estoque e...

— Wendell só entende de gado, senhor Hallanan. Empregando-se como vaqueiro, não ganharia o suficiente para nós três. Wendell, mamãe e eu já estudamos todas as possibilidades e acabamos concluindo que a perda do rancho significaria nossa ruína.

— Tem razão. Bem, o balde já está cheio. Que fazemos com ele?

— Eu pretendia levá-lo para a cozinha.

— É o que faremos — disse Hallanan, erguendo do chão o pesado balde de madeira, cheio de água, para carregá-lo ao ombro direito. — Vamos?

Levou o balde para a cozinha e Merle lhe serviu um café quentinho. Quando ele foi à sala, deparou com Stephana à porta do quarto de Wendell.

— O rapaz está melhor? — interessou-se.

— Bem melhor, obrigada, senhor Hallanan.

— Já pode falar?

— Falar? Acho... acho... Por quê?

— Simples curiosidade — mentiu o rural. — Vou à varanda tomar um pouco de ar fresco. Se precisarem de mim, já sabem onde me encontrar.

— Obrigada.

Clay Hallanan foi para a varanda, sentou-se no degrau mais alto e enrolou um cigarro. Quando ia acendê-lo, olhou casualmente para o morrinho e viu um cavaleiro aparecer e sumir.

Com que, então, vocês continuam aí, como eu imaginei! — pensou, desistindo de acender o cigarro para não ser localizado pela chama do fósforo ou pela brasa.

Examinou o Colt para certificar-se de que estava municiado e meteu-o de novo no coldre.

Anoitecia e Hallanan lembrou-se de que no dia seguinte expirava seu contrato com os Rurais do Texas. Vinte anos de bons serviços terminavam de repente. Ficou triste, mas não desistiu da idéia de pedir desligamento dos rurais. Estava mesmo cansado de ver rapazolas feridos no cumprimento do dever. Não suportava ver jovens gravemente feridos.

Mas não estava ali, a poucos metros dele, um jovem baleado no peito? Claro que não se tratava de um rural, mas nem por isso deixava de ser quase uma criança.

Escureceu depressa e Hallanan se contraiu no degrau, ao perceber que alguém se aproximava por trás dele.

— Minha filha me falou sobre a conversa que tiveram — foi logo dizendo Stephana, sentando-se ao seu lado.

Impedira-o de se levantar, pondo a mão em seu ombro esquerdo.

— Hum — fez ele, simulando desinteresse.

— Afinal, quem é o senhor realmente? Para ser sincera, não me parece um homem dedicado a obter contratos para abertura de poços artesianos.

— Acha que menti?

— Se mentiu, sei que não foi para nos prejudicar. Muito ao contrário.

— Obrigado pela confiança em mim. Na verdade, não tenho a menor intenção de prejudicar a família Reiner.

— Foi o que demonstrou à tarde. Sabe? Cheguei a pensar que estivesse interessado nos cinqüenta mil dólares.

— Uma importância bem convidativa.

— Sabe que meu filho está sendo acusado de participar de um assalto a uma diligência? Oh, claro que sabe: esteve ouvindo minha conversa com o xerife Bushem.

— De fato, cometi o pecadilho da curiosidade. Mas acredito que não foi por ambição, por desejar esses cinqüenta mil dólares do governo.

— Acredito que não, senhor Hallanan. Já disse que tivesse mau pensamento apenas por instantes.

Ele suspirou.

— Senhora Reiner, se quiser, poderei partir imediatamente.

— Não, pelo amor de Deus, não nos abandone! — quase gritou a ruiva, empertigando-se por causa do nervosismo. — Minha filha teve razão ao dizer que a gente se vê obrigada a confiar no senhor. Sente-se calma e segura ao seu lado — enrubesceu intensamente. — O senhor é um homem estranho, diferente, mas não inspira medo. Essa sua confiança própria, seu... seu domínio dos nervos nos momentos de perigo. Tudo, enfim.

Calou-se, muito perturbada com o olhar penetrante e interrogativo de Clay Hallanan.

Ele começou a enrolar um cigarro, esquecido de que deixara outro, já pronto, no degrau. Stephana recolheu o cigarro, entregando-o ao rural.

— Esqueceu este?

— É, eu me distraí com a conversa.

— Uma noite linda, toda estrelada.

— Sim, linda. Faz aumentar a sensação de solidão.

— Solidão? O senhor se sente só?

— Eu sempre fui um homem solitário, senhora Reiner. Meus pais morreram durante uma epidemia, quando eu ainda tinha dois anos, e fui criado ora por uns, ora por outros, até me sentir com forças e ânimo para andar pelo mundo. Sempre só. Toda vez que sou obrigado a dormir ao relento, sob um céu estrelado, aumenta terrivelmente essa sensação de completa solidão.

— Por que não...? — começou Stephana, não tendo coragem para concluir a pergunta sobre casamento. — Senhor Hallanan, eu vim chamá-lo porque o jantar já está na mesa.

Foi decepcionante para ele, porque, se ela tivesse concluído a pergunta, estaria aberta a brecha que ele esperava para falar de certos planos que andava acalentando.

— Se é assim, quando mais depressa entrarmos, melhor — disse, levantando-se.

Ajudou-a a se levantar e teve de se controlar para não a tomar nos braços.

Stephana Reiner sentiu o coração disparar. Fazia vinte anos que não era erguida por mãos masculinas.

★ ★ ★

Assim que terminou o jantar, ele voltou para a varanda e pouco depois mãe e filha juntavam-se a ele. Vendo-o atento, com o Colt disposto de modo a ser facilmente sacado, Merle não se conteve:

— Pretende ficar aí sentado a noite toda, senhor Hallanan?

— Exatamente. Não confio nem um pouquinho naqueles cinco aventureiros. Por que não aproveitam para dormir?

— Combinamos nos revezar cuidando de Wendell.

— Hum. Esperem, por que não vão dormir enquanto eu vigio o rapaz? Poderei olhar por ele e vigiar a entrada do rancho pela vidraça da janela.

— Por que faz tudo isso, senhor Hallanan? — indagou Stephana, olhando-o nos olhos.

— Porque quero ajudá-las. Agora, por que quero ajudá-las? Bem, por nada específico. Acho que... sim, é isso: sinto que devo ajudá-las. Têm alguma arma de confiança?

— O revólver de Wendell. É um Colt calibre 45.

— Muito bom. As duas dormem no mesmo quarto?

— Dormimos. Lá em cima. Por quê?

— Subam e se tranquem no quarto, só abrindo para quem considerem de absoluta confiança. Bem — sorriu. — Esta sugestão não significa que alguém possa chegar à porta

de seu quarto sem antes passar por cima de meu cadáver, o que será dificílimo... talvez impossível.

— Essa confiança própria! — não se conteve Stephana.

Clay Hallanan soltou uma risadinha.

— Tem sido ótima para mim e deverá ser boa para as duas — disse. — De qualquer forma, se baterem na porta do quarto e não se identificarem, atirem sem fazer perguntas. Atirem para matar.

— Se chegarem a...

— Não se preocupe por mim, senhora Reiner. Estou acostumado a passar noites em claro velando por gente decente. Na verdade, para mim tanto faz dormir à noite como de dia. O importante é ter sono. Se estou ocupado em algo importante, aguardo a primeira oportunidade, que às vezes só acontece três ou quatro dias depois. Fiquem tranquilas, porque saberei velar pelo rapaz.

— Nós acreditamos — meteu-se a moreninha Merle. — Parece que ele já está fora de perigo e deverá dormir a noite inteira.

— Excelente!

— Boa-noite.

— Boa-noite. E não se preocupem enquanto eu estiver aqui para defendê-las.

As duas se olharam e, após elegante aceno de cabeça, subiram juntas as escadas. Quando chegaram ao quarto, Merle murmurou de modo um tanto misterioso:

— Mamãe.

— Que é, filha?

— Ele disse que podemos ficar tranquilas enquanto estiver conosco para nos defender. Você não gostaria que ele ficasse... para sempre?

Stephana, que no momento se livrara das saias, quase perdeu o equilíbrio, apoiando-se apressadamente na cômoda.

— Que idéia, menina?

— Idéia ótima, hem, mamãe? — continuou Merle, que também trocava de roupa. — Ainda não respondeu.

Stephana Reiner acabou de vestir a camisola e meteu-se embaixo das cobertas. Só então disse, sem olhar para a filha, que se deitara ao seu lado:

— Isso é uma coisa que somente ele poderá decidir, filha.

— Sim, eu sei, mãezinha, mas terá de admitir que seria ótimo. Não é verdade?

— Seria maravilhoso. Que estou dizendo! Vamos, cale essa boca e trate de dormir.

Merle deu uma risadinha e acariciou a face esquerda da mãe, dizendo com doçura:

— Você é linda demais para que ele tenha coragem de partir.

— Tolice. Além disso, beleza não é tudo.

— Aposto como ele já descobriu suas qualidades de coração.

Stephana virou-se de lado para encarar a filha:

— Está querendo levar umas palmadas, menina?

Sorriram com amor e se olharam demoradamente nos olhos, antes que suas pálpebras cedessem ao sono.

Clay Hallanan estava sentado no ponto mais escuro da varanda, sem fumar, para não atrair a atenção dos bandidos que deviam estar vigiando o rancho. Qual garoto apaixonado, levou aos lábios a mão que tocara no braço de Stephana Reiner.

Deixou-se ficar ali, sonhando, por duas longas horas. Queria certificar-se de que os bandidos não estavam muito

perto. Depois, levantou-se e entrou em casa para ir ao quarto de Wendell, disposto a dar andamento ao plano que estivera arquitetando.

CAPÍTULO SEXTO

Mulher é bicho do diabo

Clay Hallanan entrou no quarto de Wendell Reiner, puxou a cadeira para junto da cama, sentou-se, acendeu um cigarro e fumou devagar, repassando mentalmente todos os dados que estivera colhendo por observação direta e através de perguntas.

Não cabia a menor dúvida quanto ao fato de ter aquele rapaz participado do assalto à diligência da Wells & Fargo e fugido com os cinqüenta mil dólares do governo, enfurecendo seus companheiros. E também que se metera na aventura com a esperança de conseguir dinheiro fácil para salvar a hipoteca do rancho. O propósito fora bom, mas os meios péssimos. Além de tomar parte num ataque que resultara na morte de um rural do Texas, saíra baleado no peito.

Tocou de leve no ombro do rapaz.

— Wendell.

— Ai!

— Wendell. Você me ouve? Sou um amigo.

— Amigo?

— Você me viu pela manhã. Não se lembra?

Wendell Reiner passou a língua pelos lábios secos.

— Água. Estou com sede.

— Só um pouquinho, num chumaço de algodão, para umedecer os lábios, são ordens médicas.

Empapou um chumaço de algodão e teve de ser ligeiro para evitar que o rapaz chupasse avidamente, o chumaço, com risco de se engasgar.

— Calma, Wendell. Agora, vou molhar seus lábios. Mais tarde irá bebendo água aos pouquinhos, entende?

Wendell concordou e Hallanan lhe umedeceu de leve os lábios.

— Pronto. Agora, preste atenção. Eu sou o tenente Clay Hallanan, dos Rurais do Texas.

Com um movimento rápido, Wendell enfiou a mão embaixo do travesseiro e franziu a testa. Hallanan sorriu.

— Seu revólver está com sua mãe, Wendell. E se não estivesse eu já o teria tirado de baixo do travesseiro, para evitar que você cometesse mais tolices. Será bom você me ouvir.

— Veio me prender?

— Vim em busca dos seis homens que assaltaram a diligência e você é um deles. Os outros cinco já estiveram aqui, à sua procura, e tive de afugentá-los porque não se entregariam por bem e um tiroteio poderia causar vítimas inocentes. Eles voltarão, porque ambicionam os cinqüenta mil dólares. Esse dinheiro está com você, não está?

— Isso não lhe interessa!

— Estou tentando ajudá-lo, Wendell. É o que farei enquanto você não me obrigue a agir apenas como rural. Eu poderia deixar o tempo correr até você ser capturado por outros, mas certos sentimentos me impedem de agir assim. Estou para deixar os rurais pois fiquei farto de ver jovens mortos estupidamente e não contribuirei para que você se

junte a eles. Além disso, sua mãe e sua irmã não merecem mais esse desgosto. Você está com o dinheiro?

— Estou.

— Onde?

— Escondido no celeiro, sob os fardos de forragens.

— Hum. E qual de vocês matou o rural? Você tem de saber quem foi.

— Não fui eu. Não sei de nada.

— Wendell, vou ler para você uma carta, mas antes você deverá conhecer o conteúdo de um telegrama que recebemos no quartel há dois dias.

Leu o telegrama no qual um informante que se assinava apenas Smith solicitava a vinda de um rural, sob o nome suposto de Luke Smithson, para recolher a carta. Em seguida, leu a própria carta, que estava redigida nos seguintes termos:

Rural, seis homens assaltaram a diligência da Wells á Fargo no dia 16, entre Bumet e Mable Falis. Conheço apenas um desses homens, que se chama Wendell Reiner e mora em um rancho perto de Kingsland, localidade para a qual rumou, após o assalto, com os seus companheiros. Vi tudo de um morrinho. O assaltante Wendell Reiner foi o único que atirou para dentro da diligência, devendo-se concluir que tenha sido ele quem matou o rural Randolph Seals. O assassino Wendell Reiner está em seu rancho, aos cuidados da mãe, senhora Stephana Reiner. Se você prender esse homem, terá vingado legalmente o seu companheiro Seals e poderá recuperar o dinheiro roubado da diligência. Smith.

Seguiram-se quase cinco minutos de silêncio, durante os quais Hallanan esperou que Wendell inventasse uma desculpa. Cansado de esperar inutilmente, indagou com dureza:

— Como é Wendell, essa carta contém a verdade sobre os fatos?

— Quem é esse Smith? — quis saber o rapaz, em vez de responder.

— É um nome suposto e não podemos, por enquanto, saber quem redigiu a carta. Mas de uma coisa estou certo, Wendell: depois do assalto você fugiu com todo o dinheiro e por isso foi baleado. Verdade?

— É.

— Meta na cabeça que estou disposto a ajudá-lo na medida do possível e conte como aconteceu.

Wendell Reiner franziu a testa e respirou fundo, abrindo o jogo:

— Depois do assalto, fugimos em direção a esta comarca. Esperei o meu turno de sentinela no acampamento e fugi com o dinheiro. Um deles, chamado Baruch, quase da minha idade, estava acordado e atirou em mim quando o meu cavalo rabeou e por isso fui alvejado no peito. Os outros acordaram e pretenderam sair atrás de mim, mas eu havia cortado ao meio as barrigueiras de todas as selas e não tiveram como encilhar as montarias. Baruch ainda quis montar com o cavalo em pelo, mas caiu e desistiu. Também cortei as correias dos estribos, de modo que, mesmo amarrando as selas com as cordas de laçar, não puderam equilibrar-se montados. Só assim pude ganhar distância e me livrar deles.

— Por pouco tempo, Wendell, porque eles já o encontraram. Como aceitou participar de uma coisa dessas para conseguir dinheiro destinado a saldar a hipoteca do rancho? Seu orgulho o impediu de pedir emprestado a Elbert Commager e agora esse orgulho foi por terra. Não deu certo. Quem aproximou você desses homens?

— Ninguém. Eu já havia visto esse grupo em Kingsland. Certa noite, em um saloon, eu os ouvi falando do assalto. Saí fingindo não ter ouvido nada, mas eles saíram atrás de mim e quiseram acabar comigo numa ruela. Não me mataram porque eu me declarei disposto a ajudá-los no assalto. Eu me apresentei como... Espere! Eu disse a essa gente que me chamava Bill McGeachy. Como puderam me encontrar pelo nome de Wendell Reiner?

Clay Hallanan sorriu com malícia.

— Muito simples, filho: Smith. Seja quem for esse Smith, queria estar certo de que você não sairia vivo desta enrascada. Revelou ao mesmo tempo aos Rurais do Texas e àqueles indivíduos onde você poderia ser encontrado. Você está entre dois fogos, Wendell.

— Alguém... alguém quer que eu morra? — pareceu assustar-se o rapaz.

— É o que se depreende.

— Mas quem?

— Smith.

— Mas quem é Smith?

— Não sabemos. Diga, Wendell: você matou aquele rural?

— Eu... eu não tinha experiência nessas coisas. Era o mais moço de todos. Quando vi aquele homem começar a sacar o revólver, já empunhava meu Colt. Apertei o gatilho.

— Então, foi mesmo você quem matou Randolph Seals, o rural.

— Foi.

Hallanan baixou a cabeça e murmurou, deprimido:

— Santo Deus!

— Estou disposto a pagar por meu crime. Mas quero um julgamento honesto.

— Pagar... — murmurou Hallanan, ainda de cabeça baixa, erguendo-a bruscamente. — Não diga tolices. Você ainda é menor. Poderei livrá-lo por algum tempo da forca, Wendell, mas a lei sabe esperar. Possivelmente você será mantido em uma escola correcional até atingir a maioridade para ser julgado. Tudo isso é lamentável. Onde estava com a cabeça quando...?

— Não levará o meu filho à forca, rural Hallanan. Clay Hallanan empalideceu, estremecendo com violência, porque reconhecera a voz de Stephana Reiner.

— Stephana! — exclamou, levantando-se.

Ela empunhava com firmeza o revólver do filho, diretamente apontado para o peito do rural.

— Não se mova.

Ele sorriu com tristeza.

— Essa atitude só irá piorar as coisas para os Reiner — disse. — Se pensa que livrará seu filho da forca me matando, Stephana, não hesite em apertar o gatilho. Mas atire para matar, porque eu não suportaria a lembrança de você empunhando uma arma e atirando em mim. Seria pior do que morrer. Vamos, aperte o gatilho!

— Você... você me enganou — disse ela, começando a tremer a mão armada.

— Eu quis evitar que você tivesse maiores dissabores. Aguardei uma oportunidade para falar com o seu filho a sós, na esperança de ouvi-lo negar o crime e poder ajudá-lo a livrar-se desta situação. Infelizmente ele admitiu a culpa. Por favor, não prolongue isto. Aperte o gatilho e fuja com os seus filhos, antes que o xerife possa agir ou que aqueles cinco voltem em busca do dinheiro. Com este conselho eu me desligo moralmente dos Rurais do Texas e me tomo conivente de seu filho. Vamos, atire de uma vez! — quase gritou.

Stephana foi baixando a mão armada e, de repente, atirou-se em seus braços para soluçar convulsivamente.

Clay Hallanan sentiu forte aperto no coração, convencendo-se de que não nascera para gozar plenamente o amor. Lamentou ter a ruiva nos braços em situação desesperadora.

— Vamos, não chore — disse, com doçura.

— Meu Deus! Oh, meu Deus, meu Deus!

— Talvez ainda encontremos um meio de contornar a situação — disse Hallanan, sem a menor convicção.

— Eu... eu ia matá-lo, Clay!

— Ele sorriu.

— Não. Sua reação foi muito natural em defesa de seu filho. Mas li em seus olhos que não me odeia.

— Sei que está cumprindo o seu dever. Pena que o cri... que a pessoa buscada seja o meu Wendell.

Hallanan afastou-a delicadamente e enxugou suas lágrimas com a mão.

— Já disse que talvez possamos resolver isso da melhor forma. Escute. Deixe que eu faça tudo. Só nós três e aqueles cinco sabemos que foi Wendell quem matou o meu companheiro Randolph Seals. Nós não vamos delatá-lo e aqueles cinco não têm o menor interesse em ser apanhados para dar com a língua nos dentes. Eles só se interessam pelo dinheiro.

— Você esqueceu Smith — disse Wendell, com voz fraca. — Ele viu tudo.

— É verdade! — exclamou Hallanan, pensativo. — Mas não importa. Sempre foram as circunstâncias que decidiram, em última análise, o destino dos homens. Vamos esperar e confiar. Tenho o pressentimento de que ainda esta noite tudo ficará resolvido. Agora irei buscar o dinheiro do governo. Sua devolução será grande atenuante para

Wendell. Além disso, um bom advogado poderá convencer os jurados de que Wendell foi forçado a participar do assalto, com o intuito desesperado de salvar a situação da família, e que disparou seu revólver a esmo, sem a intenção de matar. Ignorava que aquele jovem chamado Randolph Seals fosse um rural.

Stephana encostou em seu peito a cabeça coroada por lindos cabelos ruivos, ondulados, e murmurou com amor:

— Você é maravilhoso!

Clay Hallanan acariciou seus cabelos e corrigiu:

— Não, Stephana, não sou nada disso. Você é maravilhosa! Tão maravilhosa, que em poucas horas imprimiu uma reviravolta em meu destino. Até fez de mim um conivente — deu uma risadinha, afastando-a com delicadeza. — Não saiam de junto dele.

Nesse instante, Stephana sentiu que lhe arrancavam da mão o revólver e virou-se, deparando com o filho meio erguido na cama, apontando a arma para Hallanan:

— Ela ficou embeiçada por você, mas eu não cairei na sua conversa, rural. Tudo isso é uma história para me tirar daqui e me entregar ao carrasco. Vou mata-lo!

Stephana estendeu o braço e desviou a arma, antes que ele chegasse a apertar o gatilho. O movimento foi tão brusco e violento, que Wendell sentiu dores atrozes no peito, largando a arma em cima da cama. A ruiva se apoderou do Colt, mantendo-o às costas.

— Sua mãe livrou-o de morte certa, rapaz — declarou Hallanan, com dureza. — Eu teria agido por instinto, metendo-lhe uma bala na testa. — Voltou-se para Stephana. — Depois, haveria uma barreira intransponível entre nós e eu desejaria morrer.

Deu meia-volta e saiu.

Stephana sentou-se na beira da cama, pôs as mãos no rosto e chorou. Sabia que o rural jamais entregaria seu filho, mas lamentava que Wendell estivesse praticamente condenado. Se não fosse apanhado pela justiça, seria caçado pelos cinco assaltantes. A menos que Hallanan acabasse com todos eles, o que não tinha nada de impossível, dada a sua prodigiosa habilidade com o revólver.

Esta possibilidade serviu para reanimá-la parcialmente. Levantando-se, declarou ao filho:

— Sei que fez aquilo pensando na hipoteca, mas considero uma loucura. Você devia ter conversado comigo antes de...

— Você não teria aprovado.

— Melhor para todos nós. Principalmente para você, Wendell. Vou molhar o algodão para umedecer seus lábios.

Ao mesmo tempo, Clay Hallanan se encaminhava para o celeiro, disposto a recolher os cinqüenta mil dólares do governo.

E se eu matar aqueles cinco e disser a Bem, lá no quartel, que Wendell se meteu na briga em defesa da diligência, sendo tomado por um dos assaltantes? pensou, transtornado pelo amor. Mas teria de identificar esse tal Smith e também acabar com ele.

Sacudiu a cabeça e exclamou em voz alta:

— Diabo, já estou começando a raciocinar como criminoso!

Entrou no celeiro.

CAPÍTULO SÉTIMO

História muito bem bolada

Um rápido exame do celeiro, que estava lamentavelmente vazio, permitiu a Hallanan concluir que a sacola de lona oficial, contendo os cinqüenta mil dólares, só poderia estar mesmo escondida embaixo dos poucos fardos de feno, à esquerda, pois Wendell não cometeria a tolice de pendurá-la num prego de parede ou de uma das colunas de tronco que sustentavam as tesouras do telhado.

Seu instinto, sempre infalível, avisou-o de uma presença humana justamente quando falhou o primeiro golpe do inimigo desconhecido. Foi uma pancada terrível no ombro esquerdo, que o fez encolher-se de dor. Se atingido na cabeça, seria um homem morto ou quase isso.

O brilho opaco do revólver escuro, à pouca luz do luar que entrava pela grande porta de celeiro, permitiu a Hallanan esquivar-se ao novo golpe, que seria fatal.

Positivamente, alguém estava disposto a matá-lo, estourando-lhe a cabeça com o cabo de um revólver, sem fazer disparos para não chamar a atenção dos que estavam na casa.

Tentava agarrar a mão agressora, quando um corpo vigoroso caiu em cima dele, derrubando-o. Em seguida, o

desconhecido tentou outro golpe, agora diretamente em sua testa, mas ele conseguiu esquivar-se e erguer a perna, dando-lhe uma joelhada contundente.

O urro de dor ecoou no celeiro quase vazio.

Aproveitando que o desconhecido perdeu momentaneamente o comando dos músculos, Hallanan deu um pontapé em sua mão armada, fazendo o revólver saltar longe, e sem perder tempo foi ao ataque, investindo com uma saraivada de murros que levou o desconhecido de roldão até chocar-se com a pilha de fardos de feno.

Mas o adversário era espontaneamente vigoroso. Refazendo-se dos impactos, também atacou, conseguindo dar um pontapé no ventre do rural, que saltou para trás e se encolheu de dor.

Teria sido fácil presa de outros pontapés, se fosse um inexperiente em lutas corporais. No momento exato em que o desconhecido projetava com força a perna direita, ele saltou de lado e, agarrando o pé do adversário, girou-o com força.

Novo urro de dor, outro tombo espetacular, porém o indivíduo foi cair justamente onde fora parar minutos antes o seu revólver, conseguindo empunhá-lo.

Clay Hallanan percebeu tudo e aplicou, sem hesitar, um golpe desesperado. Saltou sobre o adversário, com risco de ser baleado.

Por sorte, caiu entre os braços potentes do desconhecido, que, imaginando ser fácil dominá-lo com os músculos, desistiu de apertar o gatilho para tentar derrubá-lo.

Forcejaram desesperadamente durante quase um minuto, até que Hallanan, conseguindo virar-se um pouco de lado, moveu vigorosamente o braço esquerdo, aplicando

terrível cotovelada no estômago do adversário, que expeliu todo o ar dos pulmões e afrouxou a pressão dos braços.

Era o que Hallanan esperava.

Não há nada melhor, em lutas corporais, do que insistir nos golpes contra os pontos em que o adversário demonstre sentir mais efeitos das pancadas. E aquele desconhecido forçudo tinha no estômago o seu ponto fraco.

Foi ali que Clay Hallanan bateu impiedosamente até se convencer de que o desconhecido começava a fraquejar, flexionando as pernas.

O golpe final foi uma cutilada com o canto da mão direita na nuca.

Estremecendo violentamente como se tivesse levado uma paulada na cabeça, o indivíduo se esparramou no chão, de bruços, gemendo baixinho.

Hallanan se apoderou de seu revólver e disse:

— Acabou a brincadeira. Estou apontando para você o seu próprio Colt e pode estar certo de que não hesitarei em apertar o gatilho. Levante-se.

Recuou alguns passos e aguardou, buscando com os olhos o lampião que sempre existe nos celeiros.

Estava pendurado numa coluna, a dois passos dele. Sempre vigiando o adversário, riscou um fósforo, acendeu o lampião e seu queixo quase caiu de espanto.

— Você! Mas você é um rapaz rico, Commager. Como explica sua atitude? Que estava fazendo aqui e por que me agrediu?

— Pensei que os rurais fossem mais inteligentes — rebateu o louríssimo Elbert Commager, ainda apertando o estômago com as mãos.

— O dinheiro. Veio em busca do dinheiro. Mas repito que você é rico e não precisa desse dinheiro.

— Eu não queria esse dinheiro para mim, Hallanan.

Pretendia devolvê-lo, usando-o como prova definitiva da participação de Wendell no assalto, pois notei que você estava relaxando sua missão.

Clay Hallanan olhou-o com dureza, ao declarar:

— Vejamos se adivinho: você é o tal Smith, autor do telegrama e da carta aos rurais.

— Certo. Tudo que está escrito na carta é a expressão da verdade.

— Eu sei, Commager, mas não entendo por que motivo tomou essa atitude contra o irmão de Merle Reiner. Você me pareceu encantado por ela.

— Disse bem, Hallanan: encantado. Sou capaz de tudo para que seja minha.

— E o que demonstrou.

— Eu me limitei a colaborar com a lei. E pretendia entregar os cinqüenta mil dólares do governo ao xerife Bushem.

— Como prova definitiva contra Wendell.

— Exato.

— Acha que valeu a pena trair esse rapaz?

— Trair? Já disse que colaborei com a lei. E valeu a pena, porque Wendell me disse que jamais consentiria no casamento porque sou rico e todos diriam que Merle se vendera por meu dinheiro.

— E agora poderá tê-la para você, sem a oposição de Wendell?

— Isso mesmo.

Clay Hallanan olhou-o com profundo desprezo.

— Você é um estúpido, Commager! Merle jamais amará o homem que traiu seu irmão.

— Ela não sabe. Usei o nome...

— Saberá, Elbert Commager, ela saberá. Pode estar certo de que contarei tudo a essa pobre moça.

— Não pode fazer isso! Escute, Hallanan, graças à minha colaboração você pegará o assassino de seu colega e devolverá o dinheiro ao governo. Será elogiado e até promovido. Wendell não presta e merece o castigo legal.

— Você me dá vontade de vomitar. Minha folha de serviços ficaria manchada com um caso escabroso como este. Exigirei de meu comandante que não inclua o meu nome no relatório. Não quero deixar os rurais levando o remorso de ter contribuído para o enforcamento de um jovem que agiu impensadamente, num momento de desespero, para tirar a mãe e a irmã da falência. Wendell Reiner demonstrou ser um desmiolado, mas pensou mais em seus entes queridos do que em si próprio e não matou calculadamente o meu colega Seals.

— Você é um maluco irresponsável! — rosnou Commager, revoltado. — Não entendo como chegou a tenente dos rurais. Se abafar este caso, será conivente de assalto a diligência, assassinato e roubo. Não entende que, se acertarmos os ponteiros, você ficará famoso como o homem que capturou o assassino de Randolph Seals e recuperou cinqüenta mil dólares do Governo da União? E seu dever como rural do Texas.

— Sabe o que considero meu dever, como homem honrado e dotado de sentimentos? Meter uma bala nessa cabeça imunda. Como descobriu que o dinheiro estava aqui?

Elbert Commager olhava para ele como se não acreditasse no que acabara de ouvir. Foi de má vontade e falando muito devagar que respondeu:

— Vigiava você enquanto estava num canto da varanda do rancho. Assim que entrou, deduzi que iria interrogar Wendell e me aproximei da janela de seu quarto. Pude ouvir tudo. Quando ele revelou que o dinheiro estava aqui, vim

depressa, mas você veio em seguida e achei melhor deixá-lo sem sentidos, enquanto recolhia os cinqüenta mil para levá-los ao xerife Bushem.

— Deu o azar de topar com um velho experimentado que outros homens mais espertos do que você não conseguiram abater, Commager. Você encontrou o dinheiro?

— Não tive tempo.

— Hum. Pois vamos recolher a sacola de lona, que deve estar embaixo daqueles fardos de feno ou entre eles. Será você quem irá recolher a sacola, mas deverá ter muito cuidado, porque, segundo muita gente boa no gatilho, eu sou um diabo com um revólver na mão.

— Está bem, Hallanan, eu irei pegar a sacola. Mas espero que não me atribua a idéia de ficar com esse dinheiro. Não entende que eu poderia ter atirado em você quando entrou, pegar a sacola e dar o fora? Já disse que desejo somente afastar Wendell de meu caminho.

Clay Hallanan lhe cuspiu na cara.

— Está com sorte, porque em vez de uma cusparada poderia ser uma bala, Commager. Está pensando que me engana com essa história? Claro que você deseja afastar Wendell. Mas saiba que esses cinco bandidos estão atrás dele, porque foi você quem lhes disse onde está o rapaz. Contou tudo muito direitinho, à espera de que Wendell fosse eliminado. Ficou à espreita, convencido de que aqueles cinco canalhas me matariam, invadiriam a casa e exigiriam de Wendell a informação sobre o esconderijo do dinheiro. Você estaria ouvindo da janela, como fez comigo, e viria antes deles ao esconderijo, pegaria o dinheiro e sumiria do rancho. Para todos os efeitos, os bandidos teriam assassinado Wendell e levado os cinqüenta mil dólares, depois de matarem mais um rural do Texas. Você deixaria

o tempo passar e se apresentaria à senhora Reiner como verdadeiro salvador, saldando para ela a hipoteca com uma quinta parte do dinheiro roubado. E ninguém iria desconfiar porque você já é rico. Sim, Elbert Commager, tudo muito bem pensado, mas acontece que o segundo rural envolvido na história se chama Clay Hallanan, um homem que chegou aos quarenta e dois anos e está de cabelos grisalhos, depois de enfrentar situações muito mais complicadas do que esta criada por você. Azar o seu. Vamos, empurre os fardos e nada de truques.

Ouviu-se o estalido do martelo do percussor sendo recuado e Commager não alimentou esperanças. Obedeceu rapidamente.

De fato, ali estava, entre duas pilhas de fardos, a sacola de lona com as Armas da União. Tivera o selo violado porque os assaltantes quiseram certificar-se de que continha o dinheirão.

— Muito bem, meu rapaz, jogue-a aos meus pés, mas sem movimentos bruscos, ou não viverá para saber do resultado desta encrenca.

Elbert Commager obedeceu.

— Ótimo. Está sendo ajuizado. Há um detalhe que você ignora, Commager. É crime previsto em lei usar seus representantes para fins pessoais. Sabe qual é a pena mínima, Commager? Dois anos de reclusão em penitenciária, sem fiança.

Commager trincou os dentes.

— Eu colaborei com a lei!

— Foi o que pretendeu aparentar, Commager, mas confessou tê-la usado para conseguir Merle Reiner. Vou incluir o detalhe em meu relatório e minha palavra de tenente de rurais tem fé.

— Seu...!

— Quieto! — rugiu Hallanan, saltando de lado. — Quer morrer?

Commager estacou, com raiva, mas armou um sorriso cínico para declarar.

— Sei que não será capaz de me matar. Você é desse tipo a que chamam homem direito. Além disso, não ganharia nada com a minha morte.

— Não?

— Que quer dizer? — perguntou o louro, intrigado.

— Vou iluminar essa sua cabeça estúpida. Preste atenção. Eu mato você agora, perto do dinheiro, e quando o xerife chegar digo que você, levado por uma ambição desenfreada, chefiava o bando que assaltou a diligência. Foi você quem matou o rural Seals e quem baleou Wendell, quando ele, depois de forçado a participar do assalto, por você, com a promessa de saldar para ele a hipoteca do rancho, arrependeu-se e fugiu com o dinheiro para devolvê-lo ao próprio xerife Bushem. Por que o xerife não acreditaria na palavra de um rural do Texas que chegou a tenente por bons serviços?

Elbert Commager ficou seríssimo, ruminando mentalmente essa terrível hipótese. Hallanan prosseguiu:

— Por que Wendell não o delatou? Porque ao fazê-lo também se denunciaria. Talvez se não estivesse baleado e com febre alta, houvesse pensado com acerto, contando a verdade. Infelizmente, o pobre rapaz caiu de cama e não teve tempo de entregar o dinheiro, nem de fazer a denúncia.

— Não! — gemeu Commager, aterrorizado, recuando até ser estacado pelos fardos de feno. — Isso, não!

— Por que não, Commager? Somente eu, Stephana, Merle, Wendell e aqueles cinco bandidos poderíamos contar a verdade. Eu, a mãe e a irmã do rapaz não estamos interessados em vê-lo pendurado numa corda. Claro que ele

é o menos interessado nesse terrível desfecho. Quanto àqueles cinco bandidos, bem, posso garantir que mandarei todos para o inferno em menos de vinte e quatro horas. Bem pensado, hem, Commager? Serei elogiado e promovido do mesmo modo e, além de salvar Wendell, livrarei o mundo de meia dúzia de canalhas, incluindo você. E terei como prêmio extra a mão de Stephana Reiner, para dar começo a esse plano bem concebido, só me resta apertar o gatilho.

— Não! — gritou Commager, estendendo as mãos espalmadas como se elas fossem couraças contra balas. — Não atire! Não me mate!

— Está bem, Commager, não precisa borrar a calças. Não vou matá-lo neste instante, mas esteja certo de que, se as coisas mudarem de rumo, não hesitarei em mandá-lo para o inferno. E tudo sairá como lhe expliquei.

— Você quer acabar comigo para proteger o filho da mulher que ama!

— Quero proteger esse rapaz, porque ele deu um passo errado por amor à família, Commager. Quanto a você, estou certo de que não agiu por amor. Foi por orgulho que arquitetou tudo isso. Sentiu-se humilhado ao ser rejeitado por Wendell como candidato a noivo da irmã. Se amasse Merle, jamais lhe ocorreria dar a essa moça o desgosto de ver o irmão capturado como assaltante, ladrão e assassino. Seu orgulho lhe custará caro.

— Sei que deseja acabar comigo para fazer aquilo que disse. Mas não vou dar motivo.

— É lamentável. Vamos, pegue a sacola e saia bem devagar.

Elbert Commager estava de cabeça baixa, sucumbido. Aparentemente. Apenas aparentemente, porque assim que inclinou a segunda alça da sacola pretendeu usá-la para com ela golpear a mão de Hallanan, desviando o revólver.

Como se Clay Hallanan houvesse nascido na véspera! O tenente dos rurais era velha raposa cheia de malícia e jamais descuidara dos menores movimentos dos bandidos que capturava. Por isso, continuava respirando e com saúde, a despeito de oito vezes alvejado à traição por sujeitos covardes que haviam atirado nele de longe. Quando Commager, erguendo— se, pretendeu empregar a sacola, Hallanan havia saltado de lado. Desequilibrado pelo movimento brusco e sem encontrar o alvo que o estacaria, Elbert Commager passou rente ao rural, lutando para se equilibrar, e foi estatelar-se de bruços no chão, ficando imóvel.

Que diabo! Ninguém se mexe após levar uma pancada brutal, com um revólver pesado, na nuca.

— Ele não desistiu — comentou Hallanan, avançando para recolher a sacola.

Enfiou a alça da sacola pelo braço esquerdo, meteu o revólver de Commager entre o cinto da calça e a pele e, sem aparentar despender grande esforço, ergueu Commager, carregando-o no ombro.

Saiu do celeiro e, quando atravessou o trecho limpo diante da casa, disposto a entrar com o dinheiro do traidor, ouviu-se uma detonação que ele logo identificou como de rifle.

Parecendo nem sentir o peso do avantajado Commager, inclinou-se e correu até a varanda, ocultando-se na sombra, a um canto.

Teria de percorrer a parte da varanda iluminada pelo luar para chegar à porta e bater, esperando que abrissem. Mas não poderia ficar indefinidamente ali porque os sitiantes do rancho empregavam rifles e ele só dispunha de seu revólver, além daquele que pertencera a Commager.

Elbert Commager. Por incrível que pareça, a despeito de suportar o peso do louro Commager, chegara a esquecê-lo, enquanto pensava na melhor forma de entrar sem ser alvejado pelos assaltantes, que deveriam estar bem postados, vigiando todos os movimentos dentro e ao redor da casa. Também não poderia abandonar Commager na varanda, porque o louro voltaria a si e tentaria fugir, sendo tomado por um defensor dos Reiner e morto a tiros pelos bandidos.

O jeito era arriscar.

Respirou fundo, prendeu a respiração e correu inclinado, chegando à porta. Bateu com força.

— Stephana, sou eu. Abra!

Ouviu duas detonações e logo o silvo de uma bala, que incrustou na parede de troncos. E também sentiu— se sacudido, após ouvir o ruído de um impacto seco, muito conhecido, de bala calibre 44 entrando em carne e osso.

Aquele estremecimento só podia significar que uma das balas alcançara o inanimado Elbert Commager.

— Stephana, empurre o ferrolho e saia da frente da porta — ordenou.

Ouviu o ruído do ferrolho e empurrou a porta, entrando e logo se postando de lado, a tempo de não ser atingido por três balas que entraram zunindo e foram despedaçar a vidraça e alguns jarrinhos em um armário de parede.

Largou Commager no sofá e correu abaixado, fechando a porta com um pontapé. Correu o ferrolho.

— Clay, você está ferido! — gritou Stephana, lançando-se em seus braços.

— Não, não estou ferido, meu amor — disse Hallanan, beijando-a na boca.

Foi um beijo demorado, que terminou porque Stephana, afastando-se quase à força, comentou contemplando as mãos ensanguentadas:

— Você está com as costas banhadas em sangue!

Clay Hallanan indicou com o queixo Elbert Commager, que continuava imóvel, estirado de mau jeito no sofá.

— Bem na cabeça — especificou.

Naquele instante, lhe voltou à mente todo o plano que idealizara apressadamente no celeiro para livrar definitivamente Wendell Reiner da enrascada. A morte de Commager facilitaria as coisas. Por que não aproveitar?

— Foi... foi você, Clay? — perguntou Stephana, de olhos arregalados, esfregando as mãos ainda cheias de sangue pegajoso.

— Não, Stephana, não fui eu, mas confesso que não sentiria o mínimo remorso, se tivesse acabado com esse rebotalho. Ele foi atingido por uma bala de rifle destinada a mim pelos que estão cercando o rancho. Aconteceu enquanto eu batia na porta.

— Se eu tivesse atendido logo...

— Não se culpe, minha querida. Ninguém teria agido mais rápido do que você. Onde está Merle?

— Aqui — disse a moreninha pálida, olhando fixamente para o cadáver de Elbert Commager. — Por que Elbert estava no rancho a estas horas?

— É uma longa história, muito complicada e lamentável, de sordidez. Seu irmão deve ter percebido instintivamente que ele não prestava e por isso se opôs ao namoro, pretextando a questão da riqueza.

— Quero saber por que ele estava no rancho — insistiu.

— Está vendo aquela sacola, filha? — falou o rural, indicando a sacola com as Armas da União. — Contém os cinqüenta mil dólares do governo roubados no assalto à

diligência. Não eram só aqueles cinco bandidos interessados nesse dinheirão.

-Elbert?!

— Queria unir o útil ao agradável. Claro que o agradável seria ter você como esposa. E dinheiro nunca é demais para os ambiciosos.

— Cachorro!

— Não, filha. Diga canalha. Os cachorros não merecem a ofensa. Agora, deixemos isso de lado, porque estamos sitiados e aqueles homens parecem dispostos a tudo para obter essa fortuna. Temos de nos defender. Stephana, querida, vá lavar essas mãos maravilhosas e venha empunhar o revólver de Wendell. Você, Merle, se não tiver outra arma em casa, ficará incumbida de remuniciar meus revólveres. Um deles pertenceu a esse cretino — indicou Commager. — Vocês não têm um rifle em casa?

— Claro que temos — respondeu Merle, movendo-se para apanhar a arma no sobrado.

Voltou em seguida, trazendo um Winchester de alavanca e algumas caixinhas de balas.

— Está funcionando — disse. — Wendell costuma limpá-lo toda semana.

— Ótimo. Fique com esse rifle e atire para matar o primeiro que mostre o nariz na janela de seu irmão. Sua mãe e eu cuidaremos das outras janelas.

— Clay, seria doloroso morrermos agora que nos encontramos — soltou Stephana, que enxugava as mãos para empunhar o Colt do filho.

— Quem disse que vamos morrer? Mas não devemos facilitar, querida. Sem dúvida, esses sujeitos também tentarão invadir a casa pelos fundos. Será o que tentarão inicialmente. Vamos.

Stephana empunhou o Colt na mão direita e com a esquerda segurou o braço de Hallanan, guiando-o no escuro para a cozinha, pois ficara decidido que não acenderiam os lampiões.

— A porta, Stephana — pediu ele, a fim de ser guiado no escuro.

— É aqui.

— Está bem, agora afaste-se.

— Você não vai sair!

— Não — negou Hallanan, com uma risadinha. — É que estou começando a ouvir coisas.

De fato, ouvia-se o ruído de botas, com esporas, sobre as pedrinhas que cobriam o quintal nas proximidades da porta da cozinha.

— Stephana, não faça nenhum barulho e fique perto do fogão abaixada, para não ser atingida por nenhuma bala perdida.

— E você, Clay?

— Sei cuidar de mim, querida. Acho que já dei provas disso.

— Desculpe.

Ele sorriu.

— Não vou sair, mas preparar uma surpresa para esse que se aproxima. Agora estou vendo melhor no escuro e posso localizar o armário.

— O armário? O que pretende fazer?

— Psiu! Fale baixo. Vou encostar o armário na porta. Venha, terá de me ajudar para eu não fazer barulho.

Conseguiram levar o pequeno armário e encostá-lo na porta.

— Arranje um pedaço de lenha, Stephana. Pode ser pequeno. E também pratos. Muitos pratos.

Ela não entendia nada, mas obedeceu, entregando— lhe uma acha de lenha que ele enfiou embaixo de um dos pés do armarinho, deixando-o em equilíbrio precário. Em seguida, o rural empilhou os pratos em cima do móvel e sorriu.

— Está montado a alarme. Vou abrir o ferrolho da porta. Quando ele a empurrar, o armarinho oscilará e os pratos cairão, assustando o estúpido, que sairá correndo. Seria o momento para eu matá-lo, mas nunca matei ninguém pelas costas. Psiu! Não ria alto, minha querida.

— É essa idéia de preparar a coisa desse jeito.

— A gente aprende muitas coisas neste mundo de Deus. Agora, vamos voltar para a sala e ficar atentos.

Chegaram e Hallanan constatou, contrariado, que o luar clareava muito a varanda, tomando visíveis as janelas, o que dificultaria seu uso pelos defensores.

— Vá ver como estão seus filhos — ordenou.

Stephana virou-se para obedecer e nesse instante ouviu-se a barulheira dos pratos caindo e se despedaçando no chão.

Os dois se olharam e sorriram satisfeitos, mas a satisfação logo se esfumou porque ouviram o ruído de cacos de louça sendo pisados, sinal de que o invasor não se assustara o bastante para sair correndo. Prova de que era um bandido experimentado.

— Venha, encoste-se àquela parede— ordenou Hallanan, empurrando-a.

Assim que ela se imobilizou, ele se aproximou da porta do corredor e ouviu com atenção.

Sorriu.

Que estaria pensando aquele estúpido? Que todos estivessem dormindo tanto, que nem acordassem com a barulheira dos pratos quebrados? Um rematado imbecil!

Quando julgou oportuno, saltou para a frente da porta e, com os olhos acostumados à escuridão, viu o vulto se aproximando. Fez um só disparo.

Ouviu-se um gemido gutural e logo o baque de um corpo. Depois, completo silêncio.

— Morreu porque quis — comentou Hallanan, metendo o revólver no coldre.

— Não vai certificar-se de que...?

— Desnecessário — interrompeu-a o rural. — Vi perfeitamente o alvo. Foi bem no coração.

Stephana estremeceu e Hallanan, que já segurava seu braço, apertou-a contra o peito, dizendo:

— Desculpe, querida, sei que falei demais e fui brutal.

— É que... não estou acostumada.

— Eu sei. Tudo isso passará e você será muito feliz. Prometo.

Beijaram-se demoradamente.

— Por que fez esse disparo? — quis saber Merle, da porta do quarto de Wendell, empunhando o rifle. — Ele levou um grande susto.

— Aquele ali levou um susto bem maior — respondeu Hallanan, mostrando o corpo caído no corredor. — Agora vou fechar a porta da cozinha e montar de novo o alarme.

— Vou com você.

— Não, Stephana, fique com sua filha. Se alguém forçar a porta ou uma das janelas, enquanto eu estiver na cozinha, atirem sem fazer perguntas nem ameaças.

Meteu-se no corredor, saltando sobre o cadáver do bandido. Não queria que Stephana u acompanhasse, por temer que outro homem tivesse vindo atrás do primeiro.

Felizmente, nenhum outro assaltante invadira a casa pela cozinha e Hallanan não teve a menor dificuldade para

montar de novo o alarme com o armarinho e os cacos de pratos, logo voltando à sala.

— Stephana — murmurou. — Diga aos seus filhos que não falem e fiquem imóveis, atentos, porque os canalhas estão rondando a casa. Sei que pelo menos dois dos quatro restantes se encontram na varanda. Abaixe-se e não se demore.

Stephana obedeceu e, quando estava entrando no quarto, Hallanan viu de relance um vulto passar diante da vidraça de uma janela da sala que dava para a varanda.

Só mesmo um atirador prodigioso não perderia aquela oportunidade e Clay Hallanan não era outra coisa. Girando o revólver no coldre, sem sacar, apertou o gatilho.

A vidraça se despedaçou e ouviu-se um grito de dor, um baque nas tábuas do assoalho da varanda e, pouco depois, passos vacilantes.

Hallanan correu à janela e sorriu.

O estúpido, transtornado pela dor, levantara-se e tentava sair da varanda, cambaleando, de costas justamente para a janela.

O rural não matava ninguém pelas costas.

— Ei, amigo. Não esqueceu nada?

O imbecil virou-se, equilibrando-se a muito custo, e ergueu o rifle.

Bum!

Recebeu na testa a bala calibre 45 e saltou de costas para se estatelar na terra, de braços abertos e pernas juntas, como se estivesse crucificado.

— Agora são apenas três — resmungou Hallanan, saindo da janela a tempo de não ter o tampo da cabeça arrancada por uma bala de rifle que se cravou na parede de troncos da sala.

— Clay!

— Estou bem, querida. Onde está você? Abaixe-se.
— Estou aqui no chão, querido.
— Você... você foi ferido?
— Não, eu...

Ele se interrompeu porque nesse instante ouviu uma detonação no quarto de Wendell e o ruído de vidro despedaçado. Saiu disparado e chegou a tempo de ver um indivíduo com as mãos aferradas ao peitoril da janela, pelo lado de fora, de olhos arregalados como se visse um fantasma. De repente, o indivíduo largou o peitoril e caiu, ouvindo-se o baque de seu corpo no chão de terra.

Merle empunhava o rifle, ainda fumegante.

— Eu... eu nunca matei ninguém!

Hallanan tomou-a nos braços.

— Fique calma, minha filha. Há sempre uma primeira vez. Você agiu em defesa de seu irmão. Aquele sujeito não teria hesitado em matá-la e em eliminar Wendell. Estão alucinados por causa da fortuna que eu trouxe para dentro de casa. Vamos, seja boazinha e tome a sentar-se no chão disposta a mandar mais alguns desses patifes para o inferno, que é o lugar deles. Está bem?

— Está. Você dá confiança.

— Obrigado — disse ele, com doçura, beijando-a suavemente na testa. — Estou pensando em ficar por aqui para continuar lhe dando confiança. Você aprova?

— Completamente. Até já falei a respeito com mamãe.

— É? E que disse essa ruiva?

— Que será você quem deverá decidir.

— Pois já está decidido, eu fico. Bem, isso, se esses sujeitos não se livrarem de mim agora.

— Deus é grande.

Clay Hallanan assentiu com a cabeça e saiu do quarto muito inclinado, quase chocando de cabeça com Stephana,

que não aguentara esperar para saber qual o motivo do disparo no quarto do filho.

— Vamos, querida, tudo está muito bem. Agora são apenas dois.

— Por que Bushem ainda não veio em nosso auxílio? Não pode ter deixado de ouvir os disparos de rifle.

— Aquele velho esperto já deve estar nas redondezas, Stephana. Só não entendo por que ainda não se meteu na briga, do nosso lado. Agora temos apenas dois inimigos aí fora, mas nunca se sabe do que um homem é capaz e esses assaltantes são gente muito experimentada.

— Não sei. Nem por isso aquele tolo deixou de cair na armadilha que você lhe preparou lá na cozinha e ainda por cima cometeu a loucura de entrar, para morrer aqui dentro.

— Era o tal Baruch, o mais jovem depois de... bem, o mais jovem dos que cercaram o rancho... Logo acima dele, em idade, está Alcott, o chefe do bando, que tem quarenta e cinco anos. Não sei quais são os dois restantes, mas certamente um deles é Percy Alcott e o outro, com toda probabilidade, é Straight, seu lugar-tenente. São dois homens experimentados que bem podem idealizar um plano de ataque seguro, talvez incendiando a casa.

— Meu Deus!

— Escute, Stephana, há momentos em que devemos tomar decisões firmes, capazes de contribuir definitivamente para nos tirar de uma situação desesperadora.

— Em que está pensando? — indagou Stephana, com voz grave, austera.

— Isso não importa. Ouça com atenção, porque não devemos desperdiçar tempo. Se eu morrer tentando eliminar os dois últimos assaltantes, você dirá ao xerife que Elbert Commager chefiava o bando de assaltantes da

diligência, que foi ele quem matou o rural Seals e depois baleou o seu filho, quando Wendell, arrependido de ter praticado seu primeiro delito, fugiu com o dinheiro para devolvê-lo a quem de direito. Dirá que Commager veio atrás de Wendell, ouviu minha conversa com ele, pela janela, e foi ao celeiro pegar o dinheiro ali escondido por seu filho. Wendell me fez a entrega dos cinqüenta mil dólares, revelando onde os escondera, mas quando entrei no celeiro tive de me haver a tiros com Commager, vendo-me forçado a matá-lo com um disparo de rifle na cabeça, a fim de poder resguardar essa propriedade do governo.

— Mas, Clay, tudo isso me parece...

— Não está muito longe da verdade, porque foi Commager quem denunciou Wendell aos rurais e revelou seu paradeiro aos cinco assaltantes, para ficar com Merle e também com os cinqüenta mil dólares. Que Deus me perdoe, mas esse canalha mereceu aquela bala na cabeça.

— Quanta barbaridade! Eu... eu jamais poderia esperar uma coisa dessas de Elbert.

— Pois ele não me enganou. Desde o primeiro instante, vi algo misterioso em seus olhos. Enfim, agora você já sabe de parte da verdade. Como eu ia dizendo, você contará essa história a Bushem, para livrar o seu filho. Só espero que ele corresponda ao nosso sacrifício e nunca mais se meta em outra enrascada.

— Clay — murmurou Stephana, beijando-o delicadamente no rosto. — Você é um anjo!

Ele sorriu.

— É a primeira vez que ouço tal despropósito. Onde já se viu anjo servindo nos Rurais do Texas? — brincou. — Agora, preste muita atenção.

— Você prestará atenção.

O rural e a ruiva se viraram, deparando com Wendell de pé à porta de seu quarto, amparado por Merle. O jovem prosseguiu:

— Ouvi tudo. Você é um sujeito formidável, rural Hallanan. Talvez faça isso por amor, mas o fato é que se esforça para salvar um sujeito que não vale nada. Não pode sacrificar sua carreira para...

— Se continuar, sairei para não ouvir tolices — cortou Hallanan.

— Rural Hallanan, eu...

Wendell não pôde continuar, porque estava muito fraco e suas pernas bambearam. Merle não aguentou seu peso e Hallanan correu, amparando-o e levando— o de volta para a cama.

— Agora, fique quieto aí e não arranje complicações, ouviu?

Wendell se limitou a sorrir e fechou os olhos.

CAPÍTULO OITAVO

Quem não gosta de maluquinha?

Hallanan voltou para a sala e continuou:
— Não quero ser novamente interrompido. De acordo?
— Está bem, meu querido, não precisa ficar zangado.
Ele sorriu e beijou a ruiva na ponta do nariz.
— Então, escute. Vou tentar um golpe contra esses dois antes que eles idealizem algum plano infalível, que poderá até incluir, como eu disse, um incêndio que nos obrigaria a sair de casa para sermos baleados.

Stephana estremeceu ante essa perspectiva.

— Se eu morrer tentando esse golpe, o capitão Bemard Hamm, dos rurais, será informado. E logo em seguida um advogado irá procurá-lo para lhe fazer a entrega de minhas economias, que somam vinte e cinco mil dólares. Eu havia decidido legar minha pequena fortuna a Bem, porque ele me ajudou muito na carreira e é o meu único amigo. Mas acontece que ele está em boa situação financeira, graças a recompensas pela captura de muitos indesejáveis, e até já comprou um ranchinho para quando se aposente. Na verdade, está explorando o ranchinho e ganhando muito mais do que com os rurais. Assim sendo, não necessitará de meus minguados vinte e cinco mil. Enquanto eu estava

escondido lá na varanda, assim que você e Merle foram para a cama, escrevi uma cartinha a Bem pedindo que transfira para vocês o meu legado. Com esse dinheiro, vocês pagarão os dez mil da hipoteca e ainda ficarão com quinze mil para comprar reses, contratar peões e reorganizar o rancho. Até lá Wendell estará em forma para trabalhar e tudo...

— Clay, eu não aceitaria um dinheiro que me viesse por sua morte. Você chegou em minha vida após vinte anos de solidão e representa meus últimos sonhos. Sem você, serei uma mulher triste que...

Hallanan encostou o indicador em seus lábios, obrigando-a a calar-se.

— Pare de dizer tolices, querida. Não quero morrer pensando que você e seus filhos ficarão na miséria.

Por favor, me proporcione ao menos o consolo de sabê-la em segurança após a minha morte. Quero morrer em paz.

— Clay! Você fala como se a sua morte fosse uma coisa inevitável!

— Todos temos de morrer.

— Não brinque com coisas sérias!

— Está bem, querida, me perdoe. Está cansada de saber que vivo metendo os pés pelas mãos. Entenda que tenho de tomar alguma providência no sentido de livrar vocês desses dois aí fora e que, ao fazê-lo, terei de correr risco de vida. Posso vencê-los, mas também posso ser liquidado. Procure ver as coisas com espírito prático. Se eu voltar, nunca mais sairei do seu lado, a não ser para dar uma chegadinha a Austin e me desligar dos rurais, mas se não voltar vocês terão de continuar sem mim. Se não quer aceitar o dinheiro por você, pense em seus filhos. Que seria deles sem este rancho?

Stephan baixou a cabeça.

— Está bem.

Hallanan segurou seu queixo, levantando sua bonita cabeça ruiva.

— Assim é que se fala. Então, já sabe. A carta ao amigo Bemard Hamm está embaixo daquele jarrinho, na prateleirinha — indicou o lugar na parede. — Se eu não voltar e o xerife puder eliminar esses dois malfeitores, peça a Bushem que as acompanhe ao quartel dos rurais, levando a sacola com o dinheiro do governo e minha carta a Bem. Voltarão com vinte e cinco mil dólares.

Ela tomou a baixar a cabeça e Hallanan examinou a carga do revólver, metendo-o no coldre.

— Vamos falar com os seus filhos antes de eu sair. Devem ficar sabendo que nos encontramos, talvez tarde demais, e que por esse amor tenho o direito de lhes deixar minhas economias. Pena que não haja um juiz ou um pastor trancado conosco dentro desta casa — sorriu.

— Não sei como ainda consegue brincar em situação como esta.

Ele segurou-a pela cintura e foram para o quarto de Wendell.

O rapaz estava recostado em travesseiros, com Merle sentada na cadeira, ao seu lado, empunhando com firmeza o rifle com que abatera um dos assaltantes.

— Eu disse para você ficar sentada no chão — foi logo dizendo. — Por que está na cadeira?

— Vim ajudar Wendell a se recostar e acabei ficando aqui.

— Muito mal feito, senhorita. Já podia ter levado um tiro. Vamos, sente-se no chão, se não quer que eu fique bravo.

Merle sorriu e obedeceu, mas ao passar junto dele lhe disse carinhosamente:

— Está bem, papai.

Hallanan e Stephana se olharam embevecidos. Estavam inclinados para a frente, apoiando-se no pé da cama.

Wendell abriu os olhos e murmurou, muito fraco:

— É você, mamãe?

— Sim, filho, sou eu.

— Está com ele?

— Claro que está comigo. Ou pensa que eu deixaria uma ruiva como esta andar por aí sozinha, com tanto lobo faminto solto na floresta?

Wendell sorriu.

— Acho que estraguei tudo, hem, rural? Vocês poderiam ser felizes.

— Ainda não está tudo perdido — meteu-se Merle, lá do chão. — Se nos livrarmos desses dois bandidos restantes, tudo estará terminado e poderemos recomeçar, com a ajuda de Clay.

Wendell sacudiu lentamente a cabeça.

— Não, irmãzinha, não se iluda. Eu ouvi o que ele disse à mamãe lá na sala. Quando a gente está com a vida por um fio, todos os sentidos ficam aguçados. Pelo menos, foi o que me disse o velho Sam, aquele ferreiro sem-vergonha que vive olhando para a mulher dos outros.

— Se ouviu, já sabe que ficarão bem de situação e...

— Não me interrompa, rural de uma figa. Sejamos realistas. Se você morrer lá fora, será por minha causa, porque sou filho dela. Sua história comprida só servirá para o caso de você morrer, mas nem por isso ela será feliz. E se você não morrer, a história não valerá nada, porque não foi à-toa que chegou a tenente dos rurais. Será incapaz de mentir para os seus superiores, de acobertar um criminoso, principalmente quando esse criminoso assassinou um seu companheiro. Se não morrer, terá de me entregar. Portanto...

— Vejo que não está tão mal assim — cortou Hallanan, irritado com o rapaz. — Se estivesse, ficaria calado, sem dizer tolices.

— Mamãe, esse rural está apaixonado por você — continuou Wendell, apoiando-se trabalhosamente nos cotovelos. — Sabe que teria de me levar preso a fim de ser enforcado e não tem coragem de lhe dar esse desgosto. Também não teria coragem de trair os Rurais do Texas. Por isso idealizou essa saída estúpida de se deixar matar. Ele só está esperando os primeiros sinais da chegada do xerife Bushem, com seu auxiliar e alguns voluntários, para sair, enfrentar os bandidos e morrer deixando aquele dinheiro para nós. E tem também a recompensa de cinco mil dólares pela recuperação dos cinqüenta mil. Se você ler a tal carta que ele escreveu a esse Bemard Hamm, verá que incluiu a transferência da recompensa para nós.

— Clay!

— Isso não passa de outra maluquice desse desmiolado! — grunhiu Hallanan, desconcertado. — Ora vejam se eu iria sair para ser estupidamente morto por esses indesejáveis!

— Pretendia fazer isso por nós, Clay? — perguntou Merle, comovida, levantando-se.

— Sente-se onde mandei!

Ela obedeceu tão depressa, que bateu ruidosamente com o traseiro roliço no chão, chegando a quicar.

— Se ficarmos aqui discutindo as ideias tolas desse rapaz, aqueles dois aproveitarão para invadir a casa e nos colher desprevenidos — declarou Hallanan, para encerrar o assunto. — Vou sair para tentar liquidá-los, como é meu dever de rural do Texas, e pronto. Quem tentar impedir estará interferindo contra a ação da lei. Por favor, não tomem as coisas mais difíceis para mim.

Saiu do quarto, deixando Stephana com os filhos, porém ela saiu quase correndo atrás dele.

— Clay.

— Que é!

— Pelo amor de Deus, tenha cuidado. Sei que meu filho errou e deverá pagar por seu crime. Ele tem razão. Não foi à-toa que você chegou ao posto de tenente. Se acobertar o seu crime, não ficará em paz com a consciência e não seremos felizes. Se morrer, tudo estará terminado para nós, mas se você voltar a levar Wendell, sei que irá depor a seu favor e conseguir que ele receba uma pena mínima. Volte, Clay, cumpra o seu dever e fique certo de que isso não criará uma barreira intransponível entre nós. Se não for você, será Bushem ou qualquer outro quem levará o meu filho perante a justiça dos homens. Ele já está condenado perante a Justiça Divina e prestará contas no Juízo Final. Ao menos, fique comigo para me consolar. Sem você, não suportarei essa dor.

Hallanan tomou-a nos braços, abraçando-a com amor profundo, indefinível.

— Está bem, meu amor, eu tentarei voltar, mas será Bushem quem levará o rapaz, porque me faltará coragem. De acordo?

— Está bem. Vá com Deus.

Clay Hallanan avançou decididamente em direção à porta, já empunhando o Colt, mas quando segurou o ferrolho começou o inferno.

Foi um barulho ensurdecedor de disparos de rifle e revólveres de grosso calibre, gritaria envolvendo ordens e verdadeiros uivos de dor.

Durou pouco.

Em seguida, ouviram-se ruídos de patas de cavalos se aproximando e o rebuliço parou diante da varanda.

Clay Hallanan abriu a porta, ainda empunhando o revólver.

— Já cumpri a minha parte, liquidando aqueles indesejáveis, rural Hallanan — declarou o xerife Bushem, muito empertigado na sela de um cavalo negro. — Agora, cumpra a sua parte relativamente a Wendell Reiner, conforme combinamos. Ele deve saber onde estão os cinqüenta mil dólares do governo.

Clay Hallanan encostou-se ao portal, sentindo lhe faltarem forças nas pernas. Não soube o que responder.

Nesse instante, Stephana surgiu ao seu lado e foi ela quem respondeu:

— Meu filho está inocente, xerife Bushem. Parcialmente inocente. Ele participou daquele assalto, forçado por circunstâncias desesperadoras, mas se arrependeu e, quando fugiu com o dinheiro par devolvê-lo, foi baleado por um dos bandidos. Ainda assim, conseguiu chegar em casa com o dinheiro, que está lá dentro à sua espera.

Profundo silêncio entre os voluntários que acompanhavam o xerife.

Hallanan olhou para ela, cheio de admiração, ao vê-la avançar um passo na varanda para acrescentar:

— Elbert Commager tentou apoderar-se do dinheiro, depois de mandar um telegrama aos rurais acusando o meu filho, mas quando quis pegar a sacola com os cinqüenta mil dólares foi impedido pelo senhor Hallanan, que se viu forçado a baleá-lo na cabeça com um rifle. Isso é tudo. Pode entrar e pegar o dinheiro do governo. Espero que dêem a recompensa ao senhor Hallanan, porque o meu filho deverá ser julgado e não poderá recebê-la.

Bushem alisou o bigode, pigarreou e apeou do cavalo. Plantou-se diante de Stephana e prometeu:

— Exigirei que depositem a recompensa de cinco mil dólares em um banco em nome de Wendell Reiner, para quando seja posto em liberdade. Seu arrependimento, o fato de ser primário e sua decisão de devolver o dinheiro da União serão levados em conta no julgamento. Com sua licença.

Entrou e voltou pouco depois, segurando a sacola com os cinqüenta mil dólares.

— Voltarei amanhã ou depois para levar o rapaz, Stephana, se ele estiver em condições para me acompanhar. Ficará sob sua responsabilidade. Stimson, Allen, peguem o cadáver que está no sofá da sala.

— Obrigada, xerife — disse a ruiva, emocionada.

— De nada. Posso falar com você, Hallanan? Em particular.

— Pois não.

Os dois foram para uma extremidade da varanda e Bushem, após ver sair carregado o cadáver de Elbert Commager, sorriu para o rural.

— Essa mulher é fenomenal, hem, Hallanan?

— É.

— A lei não pune a mãe por acobertar o filho. Essa história de ser forçado a participar do assalto, de arrependimento e de disposição para devolver o dinheiro está muito complicada. Chego a pensar que ela foi bem assessorada por alguém muito experiente no trato com a lei.

— Que está insinuando?

— Eu? Nada, Hallanan. Eu só estava pensando em voz alta.

Clay Hallanan sorriu.

— Quer saber de uma coisa, seu velho bisbilhoteiro? Meu contrato com os Rurais do Texas já expirou e não vou

renová-lo. Ficarei por aqui. Se você precisar de minha ajuda, já sabe onde me encontrar. Você é um grande sujeito!

— Um tolo, Hallanan. Poderia ter a glória de capturar esse rapaz e abiscoitar os cinco mil da recompensa. Acho que estou ficando velho.

— Eu também — sorriu o rural, pondo a mão em seu ombro. — Sabe como se define isto que estamos fazendo?

— Não.

— Conivência.

— Dois representantes da lei! — exclamou o velho xerife, sacudindo a cabeça. — Só me faltava isso.

Depois ergueu a voz, para ser bem ouvido:

— Está bem, Hallanan, o dinheiro ficará numa cela, sob forte guarda até podermos levá-lo, junto com o rapaz, para Austin.

— Não me envolva nisso, xerife — rebateu Hallanan, também em voz alta. — Terei de voltar pela manhã ao quartel dos Rurais para me desligar definitivamente. Você que aguente sozinho o resto dessa enrascada. Deixei de ser um representante da lei.

— Preferiu tomar-se rancheiro em Kingsland, hem? Eu já vi tudo.

Os voluntários riram e Bushem caminhou pela varanda, saltando para a sela de seu cavalo negro.

— Boa-viagem, Hallanan. Não deixe de aparecer em meu escritório, assim que voltar. Não se livrará de me pagar um uísque.

— Será um prazer.

O numeroso grupo partiu e Hallanan caminhou lentamente pela varanda, estacando ao receber o impacto do corpo de Stephana.

— Meu amor! Você não me desmentiu.

— Não ouviu dizer que meu contrato com os Rurais já expirou? Sou um homem como outro qualquer e não estou na obrigação de ajudar a lei. Isso agora é problema de Bushem, nesta comarca. Partirei assim que amanheça, a fim de assinar minha desistência de reengajar nos rurais e voltarei correndo para junto de vocês.

— Chego a pensar que estou sonhando.

— Pois meta nessa cabeça bonita que é realidade. Oh, quase me esqueço. Trarei meus vinte e cinco mil dólares para consertarmos a situação do rancho. E quando Wendell voltar, talvez daqui a cinco anos, acrescentará os cinco mil da recompensa às nossas finanças. Teremos que contratar alguns vaqueiros, porque não entendo nada de gado. Vamos entrar? Quero ficar com vocês até a hora de partir.

Entraram e foram para o quarto de Wendell, topando com Merle, que tinha os olhos marejados.

— Mamãe. Ele... ele não está respirando! Hallanan avançou depressa, encostou o ouvido ao peito de Wendell e se ergueu, sacudindo a cabeça devagar, penalizado.

— Sinto muito.

Merle se abraçou à mãe, para chorar, e Stephana demonstrou frieza espantosa, dizendo:

— É uma perda terrível, filha, mas foi melhor para o nosso Wendell. Ele não suportaria passar cinco anos em uma penitenciária. Que Deus se compadeça dele e me perdoe por não ter sabido orientá-lo.

— Não diga isso — protestou Hallanan, abraçando as duas e beijando-as na testa. — Cada qual tem o seu destino. O de Wendell era esse. Deus sabe o que faz.

— Sim, Deus sabe o que faz — admitiu Stephana, com um suspiro, desprendendo-se dos braços de ambos para ir à cozinha. — Vou esquentar café.

Hallanan fez menção de ir atrás dela, mas Merle segurou seu braço com força.

— Não, Clay, ela é assim. Quando sofre um grande abalo, trabalha sem parar até ficar exausta e depois se mete na cama, dormindo horas a fio. Ao se levantar procede como se nada tivesse acontecido. Amanhã providenciará o enterro e continuará a mesma de sempre. Será melhor você ir se acostumando.

— Você me ensina a lidar com ela?

Merle sorriu e se abraçou a ele.

— Está bem, papai, eu ensino. Mas prometa que nunca mais se afastará de nós.

— Vocês terão de me aturar até o fim. Amanhã cedo providenciarei o enterro e depois partirei para Austin, a fim de me desligar definitivamente dos rurais. Vá arranjar umas velas, enquanto troco as roupas dele.

Merle saiu e ele se aproximou da cama de Wendell, falando baixinho:

— Você arranjou uma saída genial para a enrascada em que nos metemos, hem, meu rapaz? Aposto como também sabia que seria a sua mãe e não você quem não suportaria ouvir aquela sentença de cinco anos, ou mais. Graças a essa sua solução, poderei dizer a verdade a Bem e ficar em paz com a consciência. Você estava certo, ao dizer que eu não viveria em paz com ela e seria um homem infeliz ao lado de sua mãe. Obrigado por todos, Wendell. Foi melhor assim.

— Não quero parecer insensível, Clay, mas também acho que foi melhor assim — disse Merle, que voltara com as velas, apoiando-se em seu braço. — Já estava para acontecer. Não tive coragem de revelar a mamãe, mas o doutor Soffer me disse que meu irmão não resistiria por

mais uma semana. Estava condenado a sofrer uma hemorragia interna, fatal, de um momento para outro.

— Aposto como sua mãe desconfiava, Merle.

— Eu sabia.

Os dois se viraram, surpresos, e Stephana acrescentou:

— Ouvi Soffer dizer isso à minha filha, quando ambos pensaram que eu estivesse na cozinha muito distraída. Foi por esse motivo que menti para o xerife Bushem. Por que todos ficaram sabendo da verdade, se o meu pobre Wendell estava com os minutos contados? — olhou com um misto de amor e tristeza para o filho. — Pedirei a Deus que seja tolerante com os seus erros.

Hallanan se aproximou dela, acariciou-lhe o rosto e pediu:

— Vá para a sala com a nossa filha, meu amor. Quero vestir decentemente o nosso garoto.

Era o pequeno toque sentimental que estava faltando para Stephana atravessar a barreira da tensão nervosa. Ela se atirou nos braços de Clay, soluçando alto.

Portou-se com dignidade durante o enterro e se despediu de Hallanan com um adeusinho discreto, quando ele partiu com destino ao quartel dos rurais em Austin.

Foram dois dias de ausência que deixaram Hallanan com os nervos à flor da pele. Vencida toda a burocracia e atravessada toda a cerimônia de desligamento, com clarinadas e tudo, o novo Clay Hallanan foi ao Banco de Austin, retirou suas economias e partiu cheio de sonhos.

Quando chegou à porteira do rancho “Duplo R”, viu Merle estendendo umas roupas na corda e Stephana de pé na varanda, à sua espera. Assim que ele transpôs a porteira, ela saiu correndo ao seu encontro. Estava toda de cor-de-rosa, os cabelos ruivos reunidos no alto da cabeça, parecendo vinte anos mais moça.

Como se nada de mau tivesse acontecido poucos dias antes!

— Positivamente, terei de aprender muito sobre essa mulher — resmungou Hallanan, saltando da sela a tempo de recebê-la nos braços.

— Você demorou, meu querido.

— Muita burocracia. Vim buscá-la para irmos a Kingsland saldar aquela hipoteca. Com os quinze mil restantes e os cinco mil da recompensa, transformaremos este ranchinho num império — exagerou.

— Vou trocar de roupa. Aquela gente atrasada ficará furiosa se eu não aparecer de luto fechado. Volto já.

Merle se aproximou correndo e se pendurou no pescoço de Hallanan, que rodopiou, fazendo-a girar no espaço.

— Por que as duas estão de cor-de-rosa.?

— Para recebê-lo, ora essa. Ou queria ser recebido por dois espantalhos todos de preto?

— Vamos entrar? — sugeriu Hallanan, sem responder, caminhando de braços dados com Merle.

E pensou:

— São duas maluquinhas. Procedem como se nada tivesse acontecido.

FIM

A seguir **LEI DOS ASSASSINOS**
Não perca!

Amigo leitor:

Devido aos sucessivos aumentos dos custos do papel, impressão gráfica, etc., somos obrigados a modificar nossos preços de forma racional e criteriosa para que nossos leitores não se sintam prejudicados ou lesados.

Nossos livros são oferecidos por um preço inferior a um maço de cigarros ou uma entrada de cinema, pois nossa maior preocupação é manter preços baixos, acessíveis a você, tendo como objetivo agradar e satisfazer nosso público.

Comprove nossa qualidade, leia nossos livros, e se quiser nos dar sua importante opinião, escreva-nos.

Aqui, você também manda.

O Editor

EDITORA
MONTERREY
LIMITADA

PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cr$ 60.000,00